

No dia 18 pelas 9 horas da manhã recebi a carta seguinte:

— «M.^{ele} M. C. acaba de receber um despacho telegráfico annunciando-lhe a morte do snr. Carlos B., que teve lugar no dia 16 do corrente. Tomamos parte na vossa dor.

Perin,
Porteiro.

26, R. Marignae. Paris, 18 de Agôsto.»

O dr. Richet viu e transcreveu esta carta.

Soube-se depois que Carlos B. morrera na noite de 15 para 16 de Agôsto, de uma lesão cardíaca, que todos ignoravam, pois não se havia revelado por sintoma algum. Êstes factos são confirmados pela condessa d'Ussel, em casa de quem estava então, e por uma outra criada da mesma casa, a quem Emma contara o sucedido na manhã seguinte.

*

* *

VIII. M.^{me} Richardson. Combe Down,
Bath.

26 de Agôsto de 1882.

(*Textual*)—No dia 9 de Setembro de 1848, no cêrco de Moultan, meu marido, o major-ge-

neral Richardson, cavaleiro da ordem do Banho, que então era apenas ajudante do seu regimento, foi perigosamente ferido, e, julgando que ia morrer, pediu a um dos seus oficiais que tomasse o anel que tinha no dedo e o enviasse a sua mulher, que habitava então em Ferozepôr, distante dali 150 milhas inglesas.

Na noite de 9 de Setembro de 1848, estava eu deitada na cama, meio adormecida, quando vi distintamente que meu marido era transportado gravemente ferido, do campo de batalha, e ouvi a sua voz dizendo:

— «Tirai do meu dedo êsse anel e enviai-o a minha mulher».

Durante o dia seguinte foi impossível livrar-me da impressão causada pelo que vira e ouvira.

Soube tempo depois que de facto meu marido fôra gravemente ferido no ataque de Moul-tan. Escapou, porêm, e vive ainda.

Algum tempo depois do cêrco, soube também por um oficial, que meu marido fizera com efeito a um oficial o pedido respeitante ao anel.

M. A. Richardson.

Respondendo ao snr. Myers, o general Richardson declara recordar-se perfeitamente de

ter feito o pedido para a entrega do anel ao major E. S. Lloyd, e que esse facto succedera no dia 9 de Setembro de 1848, pois fôra ferido pelas 9 horas da noite dêsse mesmo dia.

*

* *

IX. — Ana E. Wright, Taylor's Cottages, London Road, Nottingham.

23 de Abril de 1883.

(*Textual*). — Recebemos uma carta vossa, há alguns dias, pedindo-nos a narração da morte da nossa querida filhinha, o que succedeu no dia 17 de Maio de 1879, e que tenho tão presente na memória como se se tivera passado há poucos dias.

A manhã estava esplêndida, parecendo-me até que nunca o sol se apresentara tão brilhante.

A criança tinha quatro anos e cinco meses e era linda.

Alguns minutos depois das 11 horas entrou ela na cozinha dizendo-me: — «Mãe, posso ir brincar?» Respondi-lhe que sim e ela saiu. Pouco depois fui buscar ao quarto um balde de água. Mas, quando atravessava o pátio, a criança pas-

sou por diante de mim como uma sombra luminosa; parei para a olhar, voltei a cabeça para a direita, mas vi-a desaparecer. Despejei o balde e dispus-me a entrar.

Meu cunhado, que vivia em nossa casa, chamou-me e disse-me:— «Fanny acaba de ser esmagada.»—Atravessei a casa e a estrada onde a encontrei.

Tinha sido derrubada pelas patas do cavalo, e a roda da carroça do padeiro tinha-lhe aberto o crânio junto da nuca. Alguns minutos depois expirava nos meus braços.

Ana E. Wright.

Êste acidente ocorreu em Derby.

O *Derby and Chesterfield Report* dá uma extensa narração do successo, que corresponde exactamente à narração que antecede.

*

* *

X. — M.^{me} Randolph Lichfiel, Cross. Deepis, Twickenham.

1883.

(*Resumo*). — Uma tarde, antes do meu casamento, estava eu sentada no meu quarto junto

à mesa do *toilette*, onde descansava o livro que estava lendo.

Estava tranqüila, de perfeita saúde, e sem cuidado algum pela pessoa a quem se refere esta narrativa. Súbitamente percebi, mas não vi, que alguém entrara no meu quarto. Olhei, mas ninguém vi.

Julguei que, quem quer que fôsse, vendo-me entretida a ler, tivesse saído, e ia a retomar a leitura, quando senti na testa um beijo longo e terno.

Erguendo de novo a cabeça, vi então, de pé, atrás da minha cadeira, reclinado sôbre mim, como para me beijar de novo, o meu noivo, mas pálido e muito triste. Levantei-me então surpreendida, mas não assustada, porque julgava ser êle em carne e osso; mas antes que eu tivesse podido proferir uma palavra, tinha êle desaparecido.

Estive três dias sem receber carta dêle, e em vista disto escrevi-lhe para saber o que havia, mas não lhe dizendo nada da aparição. Soube depois que, em consequência de um acidente ocorrido numa caçada, estivera em risco de vida, e ficara bastante ferido na mão direita, o que o impedira de escrever.

Contou-me depois que julgara morrer, e no momento do perigo, antes de perder os sentidos, dissera: — «May, minha pequena May, que eu não morra sem te ver de novo!»

Foi nêsse momento que eu o vi tão nítidamente no meu quarto. Foi só depois de saber dêle todos os pormenores do acidente, que eu lhe contei a visão que tivera.

M.^{me} Randolph Lichfiel.

*

* *

Nos dez casos que aqui deixamos exarados, o *agente*, isto é, a pessoa que se manifesta, se não está já morta, está pelo menos moribunda ou em *perigo iminente* de morrer, e é na *presunção* de que estão vivos, que Gurney deu ao seu livro o título de Phantasmas dos vivos (*Phantasms of the living*). É êste o caso mais freqüente. E compreende-se: ante o perigo iminente que se lhe antolha, a *alma concentra toda a sua potência de exteriorização numa vontade imperiosa* de se fazer ver ou ouvir de uma pessoa muito querida. Essa *vontade assim condensada* produz no éter ondulações especiais, que, propagando-se com a celeridade da luz, vão reproduzir no ponto de chegada uma imagem ou som igual ao que produzira tais ondulações.

Mas casos há, se bem que menos numerosos,

em que o *agente está vivo e bem vivo*, e não corre perigo de vida, nem tem muitas vezes conhecimento de ser visto noutra parte.

O fantasma que em tal caso se manifesta toma o nome de *duplo* do indivíduo que aparece.

Pertencem a esta categoria os casos seguintes :

*

* *

XI. — O Revd.^o Tomás Lockyes, pároco em Porthleven, perto de Hlston.

1 de Agôsto de 1884.

(*Resumo*).— Há alguns anos (não posso dar as datas certas, mas garanto os factos), estando eu em viagem no Sowersetshire, minha mulher, ao despertar, estando em Porthleven, viu-me distintamente em pé aos pés da cama. Assustou-se, como era natural, pois sabia que eu não podia corporalmente estar ali.

Nunca pude convencê-la de que havia sonhado, atestando-me sempre que me vira perfeitamente e estava bem acordada.

Numa outra ocasião, dirigindo-se à igreja, viu-me sair desta, vestido de sobrepeliz e estola,

caminhar para ela, e, torneando a uma esquina, desaparecer em seguida. E, entrando logo em seguida dentro da igreja, verificou que eu estava no côro dirigindo os ofícios religiosos.

Minha filha atesta também que, antes do seu casamento, passando um dia pela porta do meu gabinete de trabalho, que estava aberto, e em ocasião que eu não estava em casa, me vira sentado junto à minha secretária, numa atitude que me era habitual.

Uma rapariga mui piedosa, que há muitos anos habitou na minha paróquia, e que passava na igreja todo o tempo disponível, afirmou-me que muitas vezes me vira de pé, junto do altar em ocasiões em que, com toda a certeza, eu não podia estar ali corporalmente.

Devo notar que em todas estas ocasiões gozava eu de perfeita saúde.

Tomás Lockyes.

*

* *

Êste caso, que é verdadeiramente típico e modelo entre os desta espécie, sugere-nos as seguintes considerações.

1.º Ao contrário do que se dá com as outras alucinações telepáticas, a aparição do *duplo* de uma pessoa viva repete-se muitas vezes.

2.º O *duplo*, em regra, pode ser visto por qualquer pessoa, ao passo que as outras aparições geralmente *só são visíveis* para a pessoa ou pessoas a quem dizem respeito.

3.º O *duplo* exterioriza-se geralmente *sem que o exteriorizado tenha disso conhecimento*.

4.º Quando se dá a exteriorização do *duplo*, em regra, a pessoa exteriorizada fica num estado de abatimento físico mais ou menos acentuado, a vitalidade manifesta-se muito mais intensa no *duplo*.

*

* *

XII. — M.^{me} Stone. Shute Haye, Walditch, Bridport.

1883

(*Resumo*). — Eu fui vista três vezes em sítios em que, com toda a certeza, não estava nessas ocasiões, e de cada vez fui vista por pessoas diversas.

Da primeira vez foi minha cunhada quem me viu. Era ela quem me velava após o nasci-

mento do meu primeiro filho. Ela olhou para o leito e viu de uma parte o meu verdadeiro corpo, e do outro lado a minha imagem, mais fraca, espiritualizada. Fechou por várias vezes os olhos, mas ao reabri-los, via sempre a mesma cousa, até que o meu *duplo* desapareceu.

Ela pensou que aquela visão era prenúncio de morte para mim, mas enganou-se.

Da segunda vez fui vista por minha sobrinha, que então habitava comnosco em Dorchester. Era numa manhã de primavera, e, quando ia a abrir a porta do seu quarto, viu-me subir a escada que ficava em frente do meu quarto, em direcção ao quarto da ama.

Reparou em que eu ia vestida de preto com colarinho e touca branca, traje que era então o meu habitual, porque andava de luto.

Descendo para almoçar, minha sobrinha estranhou a meu marido que eu me houvesse levantado tão cedo, para ir ao quarto da ama.

— Pelo contrário, respondeu-lhe meu marido, ela passou um pouco incomodada, de noite, e antes de descer teria de almoçar na cama.

A terceira aparição é a mais singular. Estava eu então em Dorchester, mas possuía em Weymouth uma pequena casa aonde ia passar a época dos banhos de mar, e onde na minha ausência habitava M.^{me} Samways, tia de uma nossa antiga criada, que vivia comnosco e lhe escrevera par-

ticipando-lhe o nascimento de meu filho mais novo.

No dia seguinte à recepção desta carta, tendo M.^{me} Samways de ir a uma festa religiosa, fechou a porta interior que conduzia a um pequeno pátio por detrás da casa, fechou a porta da rua e levou consigo a chave.

Ao voltar, depois de abrir a porta da rua, apercebeu ao fundo um clarão.

Aproximando-se viu que a porta que deitava para o pátio estava aberta, e que a luz iluminava completamente o pátio, no meio do qual ela viu perfeitamente a minha figura, coberta de roupas brancas, mui pálida e aparentemente fatigada.

Assustada, fugiu para casa de um vizinho, o capitão Court, o qual pouco depois a reconduziu a casa, verificando então que a porta que lhe parecera aberta estava fechada à chave. A êste tempo estava eu doente de cama, e assim permaneci algumas semanas entre a vida e a morte.

M.^{me} Stone.

*

* *

XIII. — M.^{me} Sara Janse Hall, The Yews, Gretton, perto de Kettering.

Dezembro de 1888

(*Textual*). — No outono de 1863 vivia eu com meu marido e meu primeiro filho, um bébé de oito meses, numa casa isolada, chamada Siberton, perto de Wansford, Northamptonshire, que tinha sido outrora uma igreja. No comêço do inverno uma prima minha e seu marido vieram ver-nos.

Uma noite, à ceia, levantou-se junto do aparador uma aparição. Éramos quatro à mesa, e entretanto o visitador espectral, vestido com uma ligeira *robe* de musselina riscada, era eu própria. A visão nada apresentava de terrível, nem na expressão, nem na sua maneira de ser. Vimo-la todos quatro, e meu marido chamou a nossa atenção dizendo: — «olhem! é Sara» com a naturalidade de quem reconhece uma pessoa, pois era de mim que êle queria falar. Depois disto a aparição sumiu-se. Nenhum de nós se assustou, pois a aparição se nos afigurou natural

e familiar. Aquela figura era externa à minha pessoa, e, segundo me parecia, como o poderia ser uma pintura ou uma estátua.

As três pessoas, que conjuntamente comigo viram esta figura, já todas faleceram, pois todas três morreram entre os anos de 1868 e 1869.

Sara Jane Hall.

*

* *

XIV. — O dr. Nicolau, conde de Gonemys;
Corfú.

Fevereiro de 1885.

(*Resumo*). — Em 1869 era eu cirurgião-mor do exército grego, e fôra nomeado médico da guarnição da ilha de Zante.

Quando me aproximava da ilha e estava a duas horas de distância da costa, ouvi uma voz interior que constantemente me dizia em italiano: — «*Vai ver Volterra*».

Nada me fazia pensar em Mr. Volterra, que habitava em Zante, e que eu mal conhecia, pois apenas o vira uma vez, haveria uns dez anos. Procurei distrair-me, conversando com os meus

companheiros de viagem, mas tudo era inútil, a voz continuava. Desembarquei, e no hotel onde me alojei, e onde me entretinha a abrir as malas, a mesma voz não me abandonava.

Pouco depois o criado veio dizer-me que um cavalheiro me procurava; e, perguntando quem era, soube que era Mr. Volterra.

Êste cavalheiro entrou todo lacrimoso, suplicando-me que acudisse a seu filho, que estava muito doente.

Encontrei êsse rapaz atacado de loucura e delírio; nu, num quarto vazio, abandonado havia já cinco anos por todos os médicos de Zante.

O seu aspecto era horrível, pelos contínuos acessos que sofria, acompanhados de assobios, rugidos, latidos e outros gritos de animais. Torcia-se por vezes como uma serpente, outras caía de joelhos em êxtasi, parecendo falar com interlocutores imaginários.

Quando abri a porta, atirou-se a mim com fúria; mas eu fiquei imóvel, agarrei-o pelo braço, e olhei-o fixamente.

Instantes depois o seu olhar enfraqueceu, pôs-se a tremer e caíu no chão com os olhos fechados. Fiz-lhe alguns passes magnéticos, e, em menos de meia hora, estava em estado sonambúlico.

A cura durou dois meses e meio, e durante

êsse tempo tive occasião de observar fenómenos extremamente interessantes.

Depois de curado não mais recaiu.

Nicolau,

Conde de Gonemys.

Uma carta dirigida ao dr. Nicolau e assinada por Demétrio Volterra, conde de Crissoplevri, por sua espôsa Laura Volterra, e por dois filhos seus, um dos quais é o doente curado, e ainda confirmada por três outras testemunhas, corroboram esta narração, atestando que a cura foi unicamente devida ao dr. Nicolau e ao magnétismo.

*

* *

XV. — O capitão Cecil Norton, do 5 de lanceiros. Queen's Gate, Londres.

(*Resumo*). — Em 1875 ou 1876, pelo Natal, estava eu com o meu regimento aquartelado em Aldershot.

Estava eu sentado à mesa do jantar com mais uns dez ou doze officiais, entre os quais me

recordo apenas de Mr. John Atkinson, Mr. Witts, cirurgião mor do regimento, e Mr. Russell.

Seriam 8 horas e 45 minutos, quando Atkinson olhou para a janela que lhe ficava ao lado, e como parecesse assombrado, Mr. Russell, agarrando-lhe o braço, disse-lhe: — «que tem, dr., que há de novo?» E como eu olhasse então na mesma direcção, vi distintamente, apesar do lustre e candelabros de gás que iluminavam a mesa, uma figura de mulher em traje de noiva, que pairava entre o vão da janela, mas pela parte de fora. Nenhuma pessoa viva podia por ali passar, porque a janela estava a uns 30 pés acima do solo, e os edifícios fronteiros distam da janela mais de 300 jardas.

Cecil Norton,

Capitão.

Passada a aparição, o capitão Norton recordou-se de que a visão se parecia muito com um retrato da mulher do veterinário do regimento, que, em traje de noiva, se via no quarto dêste.

Por uma coincidência singular, na ocasião da aparição o veterinário estava moribundo.

*

* *

XVI.—Revd.^o C. Jupp, director do Asilo dos Órfãos de Aberlour, Craigellachic.

(*Resumo*).—Em 1875 morreu um homem, deixando viúva e seis filhos. Os três mais velhos fôram dêsde logo recolhidos no asilo e três anos mais tarde, tendo morrido a mãe, fôram também recolhidos os outros três, sendo o mais novo da idade de quatro anos.

Um dia, tendo vindo hóspedes ao asilo, o director, por falta de quartos disponíveis, cedeu aos hóspedes o seu quarto, e mandou armar para si uma cama no dormitório das crianças.

No dia seguinte, pela manhã, ao almôço, o director narrou o seguinte:

Adormeci ontem pelas onze horas, e dormi profundamente durante algum tempo.

Súbitamente acordei sem razão aparente e senti-me impulsionado a virar-me para o lado das crianças.

Antes de me revirar, notei que havia no dormitório uma luz suave, que julguei ser a luz do gás, que, quási apagado, ardia no corredor, cuja

porta estava aberta. Mas em breve verifiquei que não era; porque, ao revirar-me, vi que por cima do segundo leito, onde dormia a mais nova das seis crianças, flutuava uma nuvenzinha luminosa, formando um halo, como succede às vezes em tôrno da lua.

Sentei-me na cama para ver melhor e verifiquei que era uma hora menos cinco minutos da noute.

As crianças todas dormiam profundamente.

Tive a ideia de me levantar para examinar e tocar a substância que produzia o fenómeno, que tinha uns cinco pés de altura, mas uma fôrça oculta me reteve, e, com quanto nada ouvi, no meu cérebro havia como que a impressão destas palavras: — «Ficai deitado, nada receeis».

Deixei-me ficar, a claridade sumiu-se, e pouco depois adormeci, acordando apenas às cinco e meia, minha hora habitual.

Às seis horas comecei a vestir as crianças, e quando cheguei ao leito, por cima do qual se dera o fenómeno, notei que a criança cessara de conversar com as outras. Comecei a vesti-la, e ela então, olhando-me de frente, com uma expressão extraordinária, disse-me: — «Ó snr. Jupp, minha mãe veio ter comigo a noite passada. Viste-la?»

Durante alguns instantes não pude respon-

der-lhe; depois, pensando ser mais prudente não lhe falar disso, disse-lhe apenas:—«Vamos, despachemo-nos, que se faz tarde para o almoço.»

C. Jupp.

M.^{me} Jupp confirma em carta o conteúdo desta narração, que declara ter ouvido a seu marido na manhã que se seguiu ao successo.

*

* *

XVII.—M.^{me} Elgee, 18 Woburn Road. Bedford.

1 de Março de 1885.

(Resumo)—Era em Novembro de 1864; tínhamos chegado ao Cairo em viagem para a Índia, eu e a minha companheira de viagem M.^{elle} Dennys.

Alojámos-nos num mau hotel, onde dormimos ambas no mesmo quarto, depois de termos barricado interiormente a porta com um pesado sofá antigo.

Fechei a porta à chave e meti a chave debaixo do travesseiro.

Despertando súbitamente, quási de madrugada, vi ao clarão matinal que entrava pela janela a forma nítida e clara dum velho amigo meu, que eu sabia estar então em Inglaterra.

Era tal a nitidez do seu traje que até lhe distingui na camisa três botões de onix. Avançou alguns passos para mim, e, estendendo o braço para a outra cama, vi a minha companheira sentada nela, olhando para êle com a expressão dum terror intenso.

Instantes depois a forma desapareceu, parecendo atravessar a porta que estava barricada.

Pouco depois, ao levantar-se, M.^{elle} Dennys, sem que eu lhe contasse o que vira, narrou-me minuciosamente a aparição tal qual eu a vira, com a diferença de não reconhecer o fantasma, pois nunca vira o indivíduo. Supus que o meu amigo houvesse morrido, mas enganei-me; porque quatro anos mais tarde encontrei-o; e, sem lhe dizer o que vira, perguntei-lhe se êle se recordava do que fizera em certa noite de Novembro de 1864.

Isso, disse ele, é exigir que eu tenha muito boa memória: mas, depois de ter reflectido um bocado, acrescentou que por essa ocasião lhe haviam oferecido um emprêgo importante, e que muito o incomodava a dúvida em que estava sobre se o deveria aceitar.

Que estava sentado à lareira meditando no

caso e desejando ardentemente que eu estivesse junto d'ele para ouvir a minha opinião a tal respeito; mas, como eu estava longe, procurou adivinhar o que eu lhe teria aconselhado.

Calculando a diferença de longitudes, averigui que a meditação do meu amigo em Inglaterra e a sua aparição no Cairo foram sensivelmente simultâneas.

E. H. Elgee.

*

* *

Nos casos XI, XII e XIII apresentamos exemplos de exteriorização de duplos de *peessoas vivas* mas produzidas sem que o agente, cuja imagem se exterioriza, *tenha disso consciência*. São por isso *involuntárias* estas aparições, e são estes os casos mais vulgares; mas pessoas há cuja fôrça de vontade é tão enérgica e o poder de concentração mental é tão intenso que, *por deliberação própria*, e por um *esfôrço da sua vontade* conseguem *tornar-se visíveis* no sítio que desejam.

As pessoas dotadas desta faculdade são, porém, *muito raras*, mas há-as. E' certo que esta faculdade depende *fundamentalmente* de uma pre-

disposição natural; mas essa faculdade pode aperfeiçoar-se por uma *trenagem* metódica.

Vamos apresentar um caso desta exteriorização *voluntária*.

*

* *

XVIII.—Mr. S. H. B.

(*Resumo*)—Na sexta-feira, 1.º de Dezembro de 1882, às 9 e meia da noite, retirei-me para um quarto, sentei-me junto do lume e procurei fixar o meu pensamento com tanta intensidade sobre o interior de uma casa de Kew, (Clarence Road), onde habitava M.^{elle} Verity e suas duas irmãs, que se me afigurou que lá estava com efeito.

Durante a experiência adormeci num sono magnético, porque não perdi a consciência; apenas não podia fazer uso dos membros. Às dez horas despertei por um esforço de vontade e tomei notas do que acabo de dizer.

Mais tarde, quando me deitei, formei a resolução de à meia noite aparecer no quarto de M.^{elle} Verity, e de aí permanecer até que a minha presença espiritual fôsse notada.

Na manhã seguinte fui a Kew, e a primeira pessoa que encontrei, não foi M.^{elle} Verity, mas

sua irmã casada M.^{me} L., a quem eu só vira uma vez há dois anos, num baile, e com quem trocara apenas meia dúzia de palavras, o que devia ter-lhe feito perder toda a recordação do meu aspecto exterior, se por ventura alguma houvesse conservado.

Não me passou pela ideia perguntar-lhe qualquer coisa à cerca da experiência que intentara; mas no decurso da conversação contou-me ela que na noute anterior me vira distintamente duas vezes. Tinha passado a noute em Clarence Road, e tinha dormido no quarto da frente.

Pelas 9 horas e meia víra-me passar pelo corredor para ir de um a outro quarto: e cerca da meia noute, estando ela perfeitamente desperta, me vira entrar no seu quarto, dirigir-me para o sitio onde ela estava, e tomar nas minhas mãos os seus cabelos, que são mui compridos.

Disse-me ainda que eu lhe agarrara em uma das mãos e lha considerara atentamente, a ponto que ela me dissera: — «não olheis assim para as linhas da minha mão, pois que nunca tive desgraças.» Que depois disto ela acordara sua irmã que dormia no mesmo quarto, e lhe contara o que acabava de se passar. Depois que M.^{me} L. me fez esta narração, mostrei-lhe um papel onde na véspera escrevera os apontamentos da experiência de que se trata.

Duas cartas de M.^{me} L. e de M.^{elle} Verity

confirmam esta narração, atestando que a mais velha narrara à mais nova a aparição na própria noute, em que ela se dera, e conseguintemente antes que Mr. S. Q. B. as fôsse visitar.

*

* *

Vem a propósito fazer agora uma observação que é importantíssima para demonstrar que as aparições de que temos falado não são meros produtos de fantasias mais ou menos mórbidas, como querem alguns; mas fenómenos *objectivos, reais, visíveis e palpáveis*, embora de uma duração efémera.

E' o que se passa com os cavalos e cães, que a experiência demonstra serem muito impressionados com êstes fenómenos.

Os cavalos espantam-se e tomam o freio nos dentes e muitos dêles ficam tão profundamente impressionados, que adoecem e alguns teem morrido poucos dias depois.

Os cães *não ladram*, como a estranhos, *mas vivem* lamentosamente, escondem-se ou fogem aterrados, chegando alguns a abandonar a casa do dono, por os obrigarem a dormir em quartos frequentados pelas aparições.

*

* *

Para todas as pessoas cujo espírito, liberto de preconceitos de escola, lhes deixa plena liberdade de orientação, estamos certos de que os 18 casos de alucinação mais característicos, escolhidos entre muitas centenas dêles, bastarão a dar-lhes a *convicção*, de que, além do mundo em que vivemos, há *um outro*, que o vulgo desconhece, e que a *moderna sciência experimental* começa a entrever, mundo cuja realidade se impõe com uma lógica irresistível aos espíritos pensantes *livremente* orientados.

Para aqueles, porém, a quem os preconceitos de escola obcecaram por forma tal que, acima de todo o testemunho humano, colocam a *sua opinião pessoal*, ou baseada na opinião pessoal dos seus mestres, ou nos dados já assentes de uma sciência *já revelha e rotineira*, para êsses, cuja vaidade os leva a crer que *atingiram a meta* do saber humano, e que só êles teem o *monopólio exclusivo* da inteligência e do bom senso; para êsses, tudo o que fica dito e o muito mais que nos resta dizer, não logrará por certo abrir a mínima brecha na couraça adamantina do seu *cómodo* dogmatismo filosófico.

Mas não é para os que, às descobertas das sciências novas, opõem o *non plus ultra* da sciência oficial, que nós escrevemos; mas sim para aqueles que, libertos de preconceitos, abrem a sua intelligência ao estudo de todos os factos novos, embora êles pareçam sair dos acanhados moldes da sciência do passado.

Para êstes os casos de aparições que deixamos extratados devem ser suficientes para lhes despertar o gôsto por êstes estudos, cuja importância e transcendência se impõe aos que não querem ser *propositadamente cegos*.

Por isso, passamos agora a fazer algumas considerações, que devem facilitar-nos a compreensão da teoria explicativa desta ordem de fenómenos.

*

* *

Na sua magistral obra — *Os Milagres do Moderno Espiritualismo* o célebre naturalista inglês sir Alphred Russell Wallace, aludindo aos fenómenos espíritas, diz o seguinte:

«—É por certo cousa fácil dizer que o que refiro é impossível. Eu sustento, porém, que é rigorosamente verdadeiro, e que nenhum homem, por maior que seja o seu talento, tem um conhe-

cimento bastante completo dos poderes da Natureza para estar autorizado a qualificar de *impossíveis* factos que eu e muitos outros constatámos por muitas vezes».

E o célebre William Crookes, respondendo aos seus antagonistas sôbre a aludida *impossibilidade* dos fenómenos, usando de um laconismo pungente e esmagador, disse-lhes apenas: — «*Mas eu não disse que êsses fenómenos eram possíveis; o que disse e afirmo è que são verdadeiros.*

O mesmo podemos nós hoje responder aos *críticos* que argumentam sôbre o que nunca estudaram, e cuja *negação* sistemática *nenhum valor pode ter* em face de tantas e tão categóricas *afirmações*, feitas por centenaes de conspícuos observadores que os atestam.

De entre as 18 alucinações que deixamos exaradas, nota-se que 6 delas (a I, II, III, IV, IX e XV) eram puramente visuais, affectando um só observador; a X era visual e táctil; a XIV era simplesmente auditiva; a V, VI, VII e VIII são visuais e auditivas; a XVI e XVII são visuais e colectivas, porque fôram observadas por mais de uma pessoa; a XI, XII e XIII apresentaram os *duplos* de pessoas vivas *involuntariamente* produzidos; pois que as pessoas reproduzidas *não tinham consciência* dêste facto estranho; e finalmente a XVIII apresenta o exem-

plo de um *duplo* produzido *voluntariamente*, o que é raríssimo.

Na obra que citamos de Gurney, Myers e Podinore, nos estudos importantíssimos da Sociedade das Investigações Psíquicas de Londres, e em vários outros trabalhos dos mais notáveis investigadores, encontram-se arquivadas muitas centenas de observações que demonstram por forma indubitável que, além das alucinações patológicas, filhas de um desequilíbrio cerebral mais ou menos duradouro, há as alucinações telepáticas, que produzem fantasmas ou aparições de pessoas mortas e vivas.

Mas serão estas aparições *meramente subjectivas*, como as patológicas, ou terão, pelo contrário uma existência *objectiva e real*, independente da acção cerebral das pessoas em quem se manifestam?

A teoria de Dal Pozzo, apesar de ser um *meio termo* entre a subjectividade e a objectividade das alucinações telepáticas, a teoria da sugestão mental combinada com a lei da reversibilidade podem *a custo* dar-nos uma explicação plausível das alucinações individuais e simples, isto é, daquelas que affectam um só sentido e uma só pessoa.

Concebe-se que a sugestão do agente, traduzindo a sua vontade em actos dinâmicos vibratórios, possa actuar sôbre o cérebro do paciente,

transformando-se aí em um *acto ou imagem* igual ao originário. O que se não concebe, porém, nem pode explicar-se por essa teoria, é como essas imagens *sem realidade objectiva* podem afectar mais do que uma pessoa e mais do que um sentido, e isto *simultânea* ou *sucessivamente*.

Se não são reais, como é que podem afectar duas, três ou mais pessoas, que todas, simultânea ou sucessivamente, vêem a mesma aparição, pela mesma forma, e com as mesmas particularidades características?

Se não são reais, como é que podem actuar no cérebro dos animais (cães e cavalos) e causar-lhes tamanho terror?

Se não são reais, como é que podem afectar simultâneamente a vista, o ouvido, e por vezes o tacto de uma ou mais pessoas?

Como é que são vistas praticando actos de movimento, tais como abertura de portas, ascensão ou descida de escadas, deslocamento de móveis, e são vistas por vezes por pessoas diversas, praticando actos consecutivos, que denotam a sua realidade?

A experiência demonstra que as aparições *nem sempre resultam* de laços de mútua simpatia ou de sangue; mas antes dependem de uma *capacidade especial de perceptividade* que poucas pessoas teem; pois é certo que em muitos ca-

sos a presença da aparição não é percebida pela pessoa a quem é especialmente dirigida, ao passo que pessoas estranhas a vêem nítidamente.

Há mais a considerar que, se em algumas alucinações se pode aceitar a hipótese de ser *ainda vivo* o agente, a grande maioria delas teve lugar *depois da morte* do agente que as produziu. Tal é a que citamos sob o n.º XVI.

Ora, segundo as teorias de Dal Pozzo, Ochowicz e outros, seria mister admitir uma *super-vivência* manifesta da actividade cerebral consciente, o que é incompatível com a doutrina materialista; pois que, para que o cérebro projecte a sua fôrça de vontade, é indispensável que esse cérebro *viva*, pois que cérebro morto não pensa, nem pode agir, segundo elles.

Torna-se por isso indispensável admitir uma teoria, que possa explicar satisfatoriamente, não só as aparições de vivos, mas também as de mortos.

É forçoso, pois, aceitar a hipótese de haver no homem, além da matéria perecível um *quid* que sobrevive à morte do corpo, e que, como continúa a existir, pode actuar depois da morte do corpo.

Do que sumariamente deixamos dito se conclui que as teorias dos mais célebres fisiologistas, que seguem as doutrinas materialistas, são de todo o ponto *incapazes* para explicarem sa-

tisfatóriamente os complicados fenómenos que temos relatado; e que é forçoso emanciparmos-nos da tutela ignominiosa que o materialismo impôs à inteligência humana, apelando para outra concepção da natureza mais racional e mais larga,—teoria que possa compreender no seu âmbito todos os fenómenos a que temos aludido, e explicá-los por uma forma *satisfatória e compreensível*.

Essa teoria tem de admitir como base uma exteriorização de fôrça, e conseqüentemente a *realidade objectiva* das aparições e fenómenos análogos.

Ora êsse *quid*, que se exterioriza, é a *alma*, e essa teoria é o *espiritismo*.

*

* *

Demonstrada assim a existência dos fantasmas dos mortos, o carácter objectivo dessas aparições patenteia por uma forma quasi palpável — a *imortalidade da alma*; pois que a despeito da morte e dissolução do corpo, a *personalidade*, que o animava, *vive ainda e pode influenciar* por formas diversas o cérebro dos vivos.

Demonstrámos já anteriormente, quando tra-

tamos do sonho, do sonambulismo e dupla vista, que, só admitindo como causa uma *exteriorização da forma anímica*, podíamos achar para êsses fenómenos uma explicação satisfatória; ora, se essa exteriorização é possível durante o sono magnético, e mesmo durante o sono normal, nada obsta a que ela se dê também em outras circunstâncias da vida, e mesmo depois da morte; pois que, se tal fôrça existe *independente do organismo*, não pode aniquilar-se por ocasião da dissolução dos elementos corpóreos.

Assim, as alucinações telepáticas, a que mais propriamente deveríamos chamar *aparições verídicas*, poderiam achar a sua completa explicação numa análoga *exteriorização da fôrça anímica*, que, emanando de um ser *vivo ou morto*, vai afectar outros indivíduos, dotados da *sensibilidade precisa* para receberem essa percepção sensoria.

Chegados a êste ponto, resta-nos expôr a *teoria espírita*, que não só *explica cabalmente* todas as aparições normais de vivos e mortos, mas até êsses *duplos* extraordinários de pessoas vivas, de que abundam na história tantos exemplos.

*

* *

A Teoria Espírita

Segundo esta teoria, o homem é em rigor — *um espirito revestido de uma forma corpórea.*

O espirito não é uma mera abstracção, nem um ponto matemático, mas sim uma *entidade real*, circunscrita e limitada, a que só falta o ser visível e palpável para se assimilhar aos seres humanos.

Em vida como depois da morte o espirito acha-se constantemente envolto numa substância fluidica mais densa, embora também *em regra* seja invisível, a que se convencionou chamar *perespírito* ou *corpo astral*.

O *perespírito* do homem apresenta a forma humana, e é por seu intermédio que o espirito exerce um poder extraordinário sôbre a matéria que o reveste e que o rodeia por toda a parte.

A sua acção sôbre a matéria ponderável explica-se facilmente pela sua própria natureza fluidica. Sabe-se em fisica que os gases e fluidos mais rarefeitos, que os imponderáveis como o

calórico, a *electricidade*, ou o *éter*, na hipótese de um só fluido, são tanto mais *poderosos* quanto mais *rarefeita* é a sua substância.

Não é porventura a luz *imponderável* que exerce uma poderosa acção química sôbre a matéria ponderável?

Não é ela que na chapa fotográfica decompõe os sais de prata e que produz a imagem?

Não é sob a sua acção enérgica que se elabora nos tecidos da planta a clorofila que dá ás suas fôlhas a bela côr verde que ostentam?

Não é a privação da luz solar que dá aos mineiros a côr terrosa e pálida, resultante de uma profunda alteração das condiçõs fisiológicas normais do organismo animal?

Se pois a luz, agente imponderável, actua tão enérgicamente sôbre a matéria inerte e sôbre a organizada, porque não há de o espírito, *mais imponderável ainda*, actuar poderosamente sôbre a matéria bruta?

E a electricidade, *imponderável* também, que força colossal não exerce ela sôbre a matéria, iluminando cidades, impulsionando combóios, e pondo em laboração fábricas enormes?

Se pois a luz, *calórico*, *electricidade* actuam sôbre a matéria *inconsciente e fatalmente*; que maravilha é que o *espírito*, *fôrça inteligente e voluntariosa*, exerça sôbre a matéria uma acção *mais enérgica e mais consciente*?

O corpo, agregado molecular de matéria, desagrega-se nos seus elementos constitutivos, — *morre*: mas êsses elementos *não se destroem*, não se aniquilam, *transformam-se apenas*, indo entrar na composição química de outros seres.

O espírito, porêm, substância simples e una, sem elementos químicos desagregáveis, não se decompõe pela morte, liberta-se apenas do corpo, conserva a sua individualidade e personalidade anterior, e *vive perpétuamente*, envolto no seu perespírito, nas regiões do espaço, a menos que não volte a animar um outro corpo.

Resta agora saber se o *espírito*, depois de libertado dos laços corpóreos, pode ou não *comunicar* com os homens *vivos*, e trocar com êle os seus pensamentos.

Que isso não é uma méra *possibilidade*, mas uma frisante *realidade*, hão de demonstrá-lo todos os fenómenos que temos de expor nos capítulos seguintes.

Por agora contentamo-nos com a demonstração da simples *possibilidade*, apoiando-nos tão só sôbre a razão: — os factos virão mais tarde.

*

* *

Sendo o homem apenas um espírito aprisionado num corpo, actuando *em vida* sôbre êsse

corpo por intermédio do *perespírito*, e podendo, pela mesma razão, depois de liberto, actuar sôbre a matéria ponderável, porque é que os espíritos livres não hão de *querer e poder* comunicar com aquelas pessoas que cá deixaram e a quem se achavam ligados pelos vínculos do amor ou da amizade?

Será lógico supor que a morte *acabou de vez* com o amor materno, paterno, filial ou conjugal?

Desde que se admite que a alma *sobrevive* ao corpo, é lógico admitir que ela conserva a sua *identidade e personalidade*, isto é todos os *conhecimentos* adquiridos na vida, e todos os *afectos*, que a exornavam em vida.

Ora, como os espíritos vagueiam no espaço em plena liberdade, podendo transportar-se de uns a outros lugares com a celeridade do raio, não será lógico e consequente admitir que aqueles que em vida nos amaram, se sintam, depois da morte, atraídos para nós, e que desejem por qualquer forma certificar-nos da sua existência, e entrar em relação comnosco?

Se esta hipótese não é racional e lógica para os que admitem como incontestável a *existência e sobrevivência da alma*, nós pediremos então a êsses pensadores, que, aceitando os princípios, se recusam a aceitar as suas lógicas consequências, que nos demonstrem com razões físicas ou fisiológicas, que estamos em êrro, provando:

1.º Que quem pensa em nós durante a vida, não deve já pensar depois da morte.

2.º Que quem pensa naqueles que amou em vida, não deve desejar reentrar em relações póstumas com êles.

3.º Que, se pode estar em qualquer parte, não pode estar ao nosso lado, e estando junto de nós, não poderá por qualquer forma comunicar conosco.

4.º Que pelo seu invólucro fluídico (perespírito) não pode actuar sobre a matéria ambiente, inerte ou animada.

5.º Que, podendo actuar sobre a matéria, não pode produzir sinais materiais convencionais que possam servir para a transmissão do pensamento.

Quando os *espiritualistas* adversários do *espiritismo* nos demonstrarem que *isto não pode ser*, mediante razões *irrespondíveis*, então não teremos dúvida em reconhecer que teem razão em duvidar.

Essa demonstração, porém, ainda até hoje se não fez.

Os *espíritas* provam scientificamente a sua crença com numerosísimos factos irrefragáveis, e com o raciocínio mais rigoroso; os *espiritualistas inconsequentes* fecham os olhos *propositadamente* aos factos, e sem demonstrarem a falsidade dêsses factos, limitam-se a dizer *dogmáticamente*: — Não creio, porque isso é impossível.

A nossa época, porêem, já não aceita *dogmas*, e a *negação* nada prova.

*

* *

Deixando, porêem, de parte o procedimento inconseqüente dos espiritualistas, passemos a explicar os fenómenos a que aludimos, segundo a teoria geralmente adoptada pelos espíritas.

Segundo esta teoria, a transmissão do pensamento *entre pessoas vivas* não se efectua sem que uma outra intelligência *desincarnada* coope-re *com as vivas* na produção do fenómeno. Um espírito desincarnado, interpondo-se entre o espírito que pensa e aquelle que lê o pensamento do outro, representa entre êles o mesmo papel que desempenha o fio condutor entre duas estações telegráficas. Assim, o espírito livre lê no cérebro de um, o pensamento que lá existe e determina no cérebro do outro, um pensamento igual.

As revelações obtidas pelo medianismo são acordes em testificar a intervenção freqüentíssima dos espíritos desincarnados nos negócios dêste mundo. E de facto, como os espíritos desincarnados são dotados dos mesmos sentimentos e paixões que em vida manifestaram, é lógico su-

por que devem querer ser solidários com a humanidade corporizada na realização integral do plano geral do universo; e por isso as aparições freqüentes de indivíduos falecidos, que a cada passo se observam, podem ser resultantes de diversas causas.

Quem tiver analisado atentamente a sociedade em que vivemos, há de ter notado quão alheada ela anda do estudo dos grandes problemas do seu destino e fim; e, como no espírito das pessoas ilustradas, (ou que nessa conta se têm), é ou o estúpido *materialismo* sistemático, *tão cómodo* para quem não quiere estudar, ou então a *dúvida* ou a *indiferença* que dominam na grande massa das inteligências, sem ideal que as norteie, é naturalíssimo que os *espíritos livres*, desejando sugerir aos vivos ideias salutaras e salvadoras, procurem mostrar-lhes *que vão seguindo um caminho errado*.

Daí resulta a freqüência de aparições e outros fenómenos similares, para assim convencer os vivos descrentes da imortalidade da alma.

Outras vezes essas aparições podem ser um acto de justiça, determinando assim o *remorso expiador* no espírito dos criminosos impenitentes; ou, pelo contrário, podem ser um *bálsamo consolador* para espíritos ulcerados pela dor de haver perdido seres idolatrados, certificando-os assim de que, a despeito da morte, *vivem ainda*

e são felizes, e de que a vida terrestre é apenas uma fase restritíssima da existência humana.

Outras vezes ainda essas aparições podem ser resultantes da *indefinível atracção* que certos e determinados lugares exercem sobre o espírito dos que os habitaram em vida.

Os *duplos* de pessoas vivas, que por vezes se manifestam, são devidos à intervenção fluídica dum espírito livre, que, pela sua enérgica acção livre sobre a matéria, produz uma *imitação* dessas pessoas, realizando assim um desígnio por elas formado para um fim qualquer útil.

A faculdade que os espíritos teem de comunicar comnosco, e a recíproca que nós temos de os ver e perceber, *varia de intensidade* consoante a predisposição natural de cada um.

Geralmente, essa faculdade não se exerce directa mas indirectamente por via de medianeiros a que se dá o nome de *médiuns*.

Todavia, a *influência* dos espíritos actua sobre nós de uma maneira *vaga e inconsciente* por via de *sugestão mental*, fazendo nascer no nosso cérebro ideias *boas* ou *más*, ideias que supomos serem nossas, quando elas muitas vezes são alheias.

Noutras pessoas, mais sensíveis, essa influência torna-se mais eficaz, traduzindo-se por um pressentimento mais ou menos nítido, ou por um êxtasi, ou por um sonho, que as afecta mais ou

menos profundamente, levando-as assim a evitar ou realizar um determinado acto que lhes pode ser nocivo ou útil.

Finalmente, com pessoas de uma sensibilidade mais exaltada a influência dêles manifesta-se às vezes por alucinações visuais, auditivas ou táctis.

Todos êstes fenómenos extraordinários, *que nada teem de sobrenaturais*, resultam unicamente do exercício de faculdades (para nós desconhecidas) que os seres espirituais possuem, e que actuam de concôrto com determinados organismos terrestres (*médiuns*).

*

* *

Antes, porém de prosseguir na nossa exposição de doutrinas, devemos dizer com a máxima lealdade que discordamos dessa teoria em dois pontos importantes.

O *primeiro* é o que procura explicar a transmissão do pensamento entre vivos pela *intervenção* de uma *personalidade psíquica* alheia aos dois — *o que pensa e o que lê*.

Não me parece *necessário* invocar para casos tão simples a intervenção de uma terceira

entidade que ninguém vê, e cuja existência *ali* se não pode provar. Para casos destes a teoria de Dal Pozzo é mais do que suficiente. O pensamento de A, vibrando intensamente, produz ondas que se propagam no meio ambiente e que, encontrando um *meio análogo* no cérebro de B, vão aí transformar-se num pensamento igual.

Isto compreende-se e é o bastante.

O segundo ponto em que discordamos é o que trata de explicar a formação dos *duplos* dos vivos.

Não vemos necessidade alguma de introduzir nestes casos um terceiro personagem: a mecânica do fenómeno compreende-se facilmente sem isso.

A exteriorização do *duplo* é um fenómeno *puramente anímico*; para que havemos de complicá-lo com a intervenção, *não provada nem provável*, de uma terceira entidade já falecida?

As pessoas, que inconscientemente produzem *duplos*, são aquelas que a Natureza dotou com a estranha faculdade *de exteriorizar o seu perespírito com facilidade extrema*; ora, como é bem sabido que o perespírito tem, *por natureza própria*, a faculdade de *assimilar a si*, do meio ambiente, os elementos materiais de que carece, daqui resulta que, *exteriorizando-se*, chama a si esses elementos materiais, e produz assim uma *imagem viva* de si próprio, *imagem tão viva e*

tão real, que os duplos são sempre susceptíveis de serem vistos por toda e qualquer pessoa.

Parece-nos mais simples e compreensível esta hipótese, do que a que transforma os espíritos desincarnados em *fabricantes de fantoches*, ou antes de projecções fantasmagóricas de qualquer personagem alheio.

IV

O Espiritismo

I

O Espiritismo! eis o nome terrível que poucos ousam pronunciar sem um sorriso de mofa; eis a nova crença científica, que vem abalar e derruir o dogmatismo sistemático da sciência oficial, e que poucos homens de sciência ousam proclamar abertamente.

Êle é para o materialismo dominante na sciência o mesmo que o espectro de Banquo no festim de Macbeth.

E todavia a nova doutrina nada tem de tétrico nem de terrível.

É, pelo contrário, uma doutrina *toda paz, amor e justiça*.

É a mais racional e grandiosa das concepções filosóficas, a mais sublime expressão da moral na humanidade, o fanal mais deslumbrante da sociologia do futuro.

Como crença admite um *Deus Supremo* e a

imortalidade da alma; admite o princípio da *reincarnação*, isto é, a *necessidade* que cada alma tem de animar diversos corpos neste e nos outros mundos do espaço, a fim de se elevar de mais em mais na escala da perfectibilidade moral e intelectual.

A sua moral, toda baseada na verdade e na justiça, apoia-se nas sublimes doutrinas de Sócrates e Platão, de Confúcio e de Jesus. *Amor e Caridade*, — eis a sua divisa.

Do princípio fundamental da *reincarnação* deriva um outro eminentemente *salutar, justo e consolador* — o da *expição*, em virtude do qual todos os homens, sem excepção, podem resgatar os seus erros e crimes, sofrendo em várias *reincarnações* as provas que lhes são impostas, ou que nesse intuito *êles próprios pediram*, quando estavam no estado de meros espíritos.

No campo social o *espiritismo* proclama o direito de todos e de cada um à assistência social, nos limites dos recursos gerais; e recíproca-mente para todos e para cada um o rigoroso dever de trabalhar para a sociedade, concorrendo na medida das suas fôrças e recursos para o progresso social na ordem física, intelectual e moral.

Eis o que é o *Espiritismo* considerado como corpo de doutrina. Esta crença científica não é, porêm, uma simples, embora elevadíssima, concepção filosófica: — apoia-se em *factos numerosís-*

simos e positivos, que demonstram a sua verdade, e desafiam toda a crítica, porque fôram observados e estudados meticolosamente.

Mas, além dêsses factos positivos, há a *revelação directa* dos espíritos mais elevados, revelação surpreendente pela clareza da exposição, transcendência da doutrina, concordância de princípios e sublimidade da sua moral. Essa revelação permite-nos entreabrir a porta que nos separa das regiões de além-túmulo, e deixa-nos entrever com júbilo a estrada ascendente do futuro.

O *espiritismo* é um corpo assombroso de doutrinas, inspirado na mais rigorosa justiça, e na filosofia mais remontada a que o homem pode aspirar.

Dêste conjunto de princípios derivam as seguintes conseqüências gerais, que constituem a base da crença espírita:

1.º Os fenómenos espíritas são produzidos por espíritos, isto é — *inteligências extra-corpóreas*, que constituem o mundo invisível.

2.º Os espíritos de toda a ordem povoam o espaço infinito; existem por toda a parte, há-os constantemente em tórno de nós, e por isso reagem continuamente sôbre o mundo físico e moral, constituindo assim *uma das maiores potências*, embora ignoradas, da Natureza.

3.º Os espíritos, porêm, não são *uma cria-*

ção à parte, na Natureza; são apenas as almas daqueles que já viveram na Terra ou em outros mundos, e que pela morte se despojaram já do seu invólucro corpóreo.

Donde se conclui que os homens, hoje vivos, são *espíritos incarnados*, e que morrendo passam novamente à categoria de *meros espíritos*.

4.º Há espíritos dotados de todos os graus de *bondade* ou de *malícia*, de *saber* ou de *ignorância*, assim como entre nós vemos homens dotados de todas essas qualidades morais e intelectuais.

Todos estão sujeitos à lei do progresso e podem, portanto, chegar à perfeição, em mais ou menos tempo, conforme os esforços e a vontade de cada um, visto que teem o seu livre arbítrio.

5.º A sua felicidade ou infelicidade depende do seu bom ou mau procedimento durante a vida, e do grau de adiantamento moral e intelectual a que chegaram. A felicidade perfeita só é apanágio dos espíritos que atingiram já o supremo grau de perfeição.

6.º Todos os espíritos, em determinadas condições, podem manifestar-se aos homens, servindo-se para isso de *médiuns*, isto é, pessoas de uma constituição especial, que lhes permite entrar em relação com o mundo dos espíritos, e auxiliá-los nos seus intuitos.

7.º Reconhece-se a superioridade ou infe-

rioridade dos espiritos pela sua linguagem, e natureza das suas comunicações: os bons só aconselham o bem, e manifestam-se pela elevação de pensamentos, homogeneidade de doutrinas e agudeza de conceitos.

*

* *

A origem do espiritismo perde-se na noite dos tempos; pois que a história no-lo mostra no berço de todos os povos. A Índia e a Pérsia, o Egito e a Grécia manifestam a cada passo os vestígios da sua influência.

A Bíblia atesta-nos por forma indubitável que a evocação dos mortos era a miúdo praticada pelo povo hebreu.

Porém de entre todos os povos antigos nenhum levou ainda tão longe a sciência dos espiritos como o velho povo ariano, o conquistador e civilizador do Hindustão.

Durante a Meia-Idade o espiritismo e todas as sciências ocultas, para evitarem as perseguições movidas pelo fanatismo religioso e pela ignorância maldosa, tiveram de viver a ocultas uma vida ignorada e mesquinha.

Foi só em Março de 1848 que fenómenos

imprevistos e providenciais vieram ressuscitar na América do Norte a sciência dos espíritos. Daí espalhou-se em breve com assombrosa rapidez pelas principais nações da velha Europa.

Sem termos a pretensão de historiar completamente a aparição, no mundo moderno, desta nova ordem de fenómenos, não podemos deixar de esboçar aqui os tópicos principais, que dão conta dêsse facto histórico.

II

Parte histórica do espiritismo moderno

É a Miss Kate Fox, menina de 9 anos de idade que coube a glória de iniciar êsses trabalhos.

Habitava ela com seus pais e uma outra irmã em Hydesville, no estado de York, quando se começaram a ouvir de noite *ruídos extraordinários e pancadas repetidas*, por forma a parecerem destinadas a chamar a atenção dos que as ouviam.

Uma noite, quando se deitavam, as mesmas pancadas ressoaram sôbre um móvel do quarto.

Não podendo atribuir tais ruídos a causa al-

guma física conhecida, a dúvida atravessou os espíritos, e Miss Kate Fox lembrou-se de fazer estalar os dedos das mãos. Imediatamente lhe respondeu igual número de pancadas. A outra irmã bateu as palmas um certo número de vezes.

Igual número de pancadas se fez ouvir como se fôra um éco.

Tudo levava a crer que a origem do fenómeno se devia atribuir a uma *causa inteligente*.

Então a mãe lembrou-se de perguntar:— «Sôis um ser humano?»— Silêncio absoluto.

«Sôis um espírito? Se o sôis, batei duas pancadas.» Duas pancadas responderam ao convite.

E assim, por meio de pancadas em número previamente combinado, se conseguiu escrever todas as letras do alfabeto e obter desta arte a primeira *correspondência espírita*.

Foi por êste processo que o espírito declarou chamar-se Charles Rayn, ter sido assassinado e enterrado no celeiro dessa casa, em sítio determinado, havia já alguns anos. Procedendo-se a averiguações, achou-se com efeito, no sítio indicado, porções consideráveis de um esqueleto humano.

Descobriu-se mais que de facto cinco anos antes visitara aquela casa um indivíduo de nome Charles Rayn, o qual desaparecera depois, ignorando-se o destino que tivera.

Apesar da evidência que resultava da desco-

berta por esta via de um crime ignorado, as duas Miss Fox, que, sem o saberem, eram *médiuns* de grande fôrça, foram qualificadas de *impostoras*, por afirmarem que podiam obter fenómenos espiritas bastante notáveis.

Os pais ofereceram-se então a submeter as filhas ao exame de uma *comissão de notáveis* eleitos em pública reunião.

Três comissões, uma após outra, foram eleitas, e nenhuma pôde descobrir o mais ligeiro vislumbre de impostura, nem reconhecer a causa produtora do fenómeno. A terceira, composta de cidadãos mais ilustrados e scépticos, que tinham qualificado as comissões anteriores de *estúpidas* ou *coniventes*, depois de sujeitarem as duas crianças a um rigoroso exame por mulheres, e de as fazerem deitar com os pés descalços, e os lençóis atados em roda dos artelhos, verificou que os sons e pancadas misteriosas se produziam nas paredes, no sobrado, nos móveis, sem que lhes fôsse possível *descobrir a causa produtora, nem indícios de qualquer artifício ou impostura*.

Reconheceu mais que por meio dessas pancadas se tinham obtido respostas satisfatórias a diversas perguntas feitas, algumas delas mentalmente formuladas.

Assim, pois, *caíra por terra a imputação de impostura* com que os sábios americanos haviam

tentado empanar a evidência palpável dos primeiros fenómenos.

Em breve diversas outras pessoas, que frequentavam as reuniões de Miss Fox, reconheceram que possuíam faculdades análogas, que, em maior ou menor grau, lhes permitiam entrar em relação com os espíritos.

Foi assim que em dois ou três anos o movimento se estendeu pelos Estados Unidos, apesar de lutar sempre e em toda a parte contra o mais desenfreado scepticismo, mas ganhando apesar disso por toda a parte prosélitos numerosos sôbre tudo nas classes mais ilustradas da sociedade. Três anos depois, em 1851, constituiu-se em Nova York *um grupo composto dos homens mais inteligentes*, com o intuito de estudarem a fundo o fenómeno espírita, e averiguar assim o que havia nêle de sério e aceitável.

À frente dêsse grupo figurava Sir Edmonds, juiz do Supremo Tribunal, que se distinguia entre todos pelo seu *irredutível scepticismo*. Pois apesar disso teve de *render-se à evidência*, e tornou-se depois um dos mais estrénuos propagandistas da nova crença.

Três anos mais tarde constituiu-se *nova sociedade investigadora*, composta de médicos, senadores, magistrados, advogados, eclesiásticos e escritores. E não satisfeito ainda com isto, o illustre professor e distinto clínico Mapes constituiu

um novo grupo de doze amigos ilustrados e quasi todos scépticos.

Mas, cousa singular, todos os que se dedicaram ao estudo dos fenómenos espíritas, a despeito do seu scépticismo anterior e da *aparente* inverosimilhança dos fenómenos, todos se tornaram afinal *espíritas convictos*.

Em 1870 havia nos Estados Unidos da América do Norte 125 sociedades espíritas, 207 conferentes espíritas, e igual número de *médiuns* públicos e uns 11 milhões de aderentes.

De então até hoje êste número tem aumentado assombrosamente.

Dos Estados Unidos o movimento espirituaalista passou para o Brasil, onde se tem propagado extraordinariamente, e para a Europa.

É assim que, nessa data, contavam-se já em Paris 100:000 aderentes e mais de 10:000 em Lion.

Na Inglaterra o seu número iguala, se não excede, o da França, enquanto que na Alemanha, Itália e Espanha, o seu número, se bem que inferior, era já então muito considerável.

E, note-se, que os espíritas recrutam-se de preferência nas classes mais ilustradas da sociedade.

*

* *

Durante algum tempo o *maravilhoso* dos fenómenos que se proclamavam, e a circunstância de se apresentarem *como uma derrogação* de várias leis naturais e teorias scientificas, geralmente recebidas como verdadeiras, fez com que, no mundo sábio e ilustrado, se produzisse uma atmosphêra de scepticismo e de isolamento, que collocou a nova doutrina em quarentena, como *suspeita de burla ou fraude*.

Mas o tempo corria e essa acusação não se confirmava, porque os sábios, certos de que era mais fácil *acusar e negar* do que *provar*, não queriam baixar do *seu pedestal olímpico* e consagrar uma parte do seu tempo ao estudo de uma doutrina que ia de encontro aos conhecimentos que penosamente haviam adquirido e que julgavam ser a expressão mais absoluta da verdade.

E houve quem ousasse sustentar, em nome da sciência, o paradoxo seguinte: — «*Não devemos admitir como verdadeiros fenómenos ou teorias novas que vão de encontro aos conhecimentos adquiridos*».

Outros igualmente vaidosos, afirmaram que

— *antes de nos* dedicarmos ao estudo de uma determinada ordem de fenómenos, cumpre ao sábio investigar primeiro *se êles são possíveis.*»
— Como se fôsse cousa fácil verificar a *possibilidade* de um fenómeno, sem primeiro o estudar atentamente!...

Foi, respondendo a esta *original* doutrina, que o sábio físico William Crookes retorquiou, apresentando o relatório das suas investigações espíritas, dizendo: — Eu não disse que isto seja *possível*, o que afirmo é que *é verdade*».

Foi por ir de encontro aos conhecimentos adquiridos que a Inquisição processou Galileu, pois *era absurda* a sua afirmação do movimento da Terra, visto que, segundo a Bíblia, Josué fizera parar o Sol.

Foi pela mesma razão que Franklin foi *justamente* qualificado de doido pelo mundo sábio, por sustentar que subtrairia a electricidade às nuvens por meio do *pára-raios*. Era um doido também Harvey quando defendia a sua teoria da circulação do sangue. Os médicos e os académicos riam-se, *e com razão*, porque êles *bem sabiam* que isso ia de encontro aos conhecimentos adquiridos.

Obrigar o Sol a fazer o retrato de qualquer garoto, que se lembrasse de sentar-se diante de uma câmara escura, era por seu turno uma *ideia absurda* que até ofendia a dignidade do astro rei!...

Os sábios também se riram de Tomás Yong, quando êste apresentou a teoria das ondulações da luz.

Foi a mesma orientação que levou a Revista de Edimburgo a pedir uma camisola de fôrças para Tomás Gray, quando êste sustentava as vantagens dos caminhos de ferro. E o mesmo succedeu a Stephenson, quando propôs a construção da via férrea de Liverpool a Manchester.

Não foi o grande Arago escarnecido pela Academia das Sciências de Paris, quando quis discutir perante ela o telégrafo eléctrico? — E porquê? — Únicamente porque o telégrafo eléctrico era um *impossível*, que brigava com os conhecimentos dessa época.

Não se riam os sábios dos fenómenos magnéticos e da dupla vista? E hoje são forçados a enguli-los, graças aos estudos e observações dos drs. Gregory, Eliotson, Lee, Ashburner, Herbert Mayo, Esdaile e Haddock. E actualmente qual é o homem de sciência que se atreve a negar êsses factos?

Riam-se pois embora os sábios e os académicos contemporâneos dos fenómenos espiritas; que isso nem nos humilha, nem nos convence; nós seguimos impávidos a rota que nos é imposta por uma convicção inabalável; e, rindo-nos por nossa vez da sua balofa vaidade, apelâmos para o futuro, dizendo: — *rira bien, qui rira le dernier.*

Mas, não! é mister sermos justos: nem todos os sábios se obstinam em não dedicar-se ao estudo do espiritismo. Há muitos, e dos primeiros, que o teem estudado afincadamente, e que, convencidos da verdade dos fenómenos, o teem proclamado abertamente.

Na América proclamam-no as maiores celebridades — Robert Hare, quimico notável e lente da Universidade da Pensilvânia, o Juíz Edmonds, de que já falámos, o dr. Mapes, químico e lente da Academia Nacional, o dr. Buchanam, lente de fisiologia e antropologia, Ó Sulivam e Robert Chambers, diplomatas, o dr. Alcock, o geólogo Worthom e muitos outros homens notáveis.

Na Inglaterra o espiritismo é reconhecido e proclamado pelos distintos matemáticos Augusto Morgan e Chalis, o célebre naturalista Russell Wallace, que publicou duas importantes obras que muito contribuíram para a propaganda espírita.

William Crookes, físico, químico e astrónomo célebre, que é uma das maiores glórias da sciência europeia, proclamou solenemente a veracidade de todos os fenómenos espíritas.

Reconhecem a mesma doutrina William Gregory, George Sexton, Herbert Mayo, Barkes, Robertson e Eliotson, médicos e fisiologistas notáveis, Trollope, Chambers, Sergeant Cox, Lord Lindurst e o electricista Varley, os literatos Tackeray e Owen e o arcebispo Wately.

Na França, onde a propaganda espírita tem progredido assombrosamente, contam-se à frente do movimento homens da envergadura de Michelet, Víctor Hugo, Victorien Sardou, Teóphile Gauthier, Maurice Lachâtre, Eugénio Nus, e Eugéne Bonnemère. Entre os homens de sciência basta apontar os nomes dos drs. Paul Gibier, Hoeffle, conde de Rochas, dr. Dupouy, e os astrónomos Herman Goldchmidt e Camile Flammarion.

A Itália apresenta à frente do movimento os distintos professores Nicephoro Filalete, Rossi-Pagnoni, P. Palazzi, o dr. Moroni, Rossi di Giustini e o celebérrimo antropólogo Cezare Lombroso, que foi durante muitos anos o mais rude adversário do espiritismo.

Difundindo-se por toda a Europa o movimento espírita, achou na Rússia sábios de renome que o abraçaram com entusiasmo. À frente dêles figuram os nomes venerandos de Boutlerof e Wagner, lentes da Universidade de S. Petersburgo, Debros Cobin, Solowieff, e o célebre Alexandre Aksakoff, conselheiro privado do imperador da Rússia.

Na Alemanha, onde o movimento se propagou menos, há ainda assim nomes de primeira grandeza que aceitaram *como reais* os fenómenos espíritas, tais são o astrónomo Zollner, o físico Fethner, o matemático Scheiner, o electricista

Weber, os sábios Ulrici, Braune, Ludwig e o químico Thury.

Ora, quando uma doutrina científica tem entre os seus confessores e apóstolos homens dêste quilate, pode arrostar perfeitamente com a indiferença das academias, com o sorriso dos *sábios que atingiram a meta* do saber humano, e melhor ainda com a estafada argumentação dos pedantes, que falam de cadeira daquilo *que nunca estudaram*.

*

* *

O que deixámos dito basta para convencer todas as pessoas, para quem o testemunho humano não é uma cousa vã, de que o espiritismo não é uma superstição, filha de uma crença banal, ou de uma credulidade própria de cérebros doentes :— o espiritismo é uma convicção baseada em miríades de fenómenos transcendentos atestados por homens eminentes e conscienciosos, que nem podiam deixar-se iludir, nem eram capazes de nos iludir a nós.

O espiritismo compreende duas partes distintas — a parte fenomenal, que são as provas da verdade do espiritismo ; e a parte doutrinal, que

compreende o imenso conjunto de revelações feitas pelos *espíritos desincarnados ou livres*.

Com efeito a experiência prova-nos que, em determinadas circunstâncias, o homem tem a possibilidade de entrar em comunicação com outras *inteligências não encorporadas*, que são os *espíritos livres* de pessoas que já viveram neste globo, ou em outros mundos.

As pessoas mediante as quais nos pômos em comunicação com os *espíritos livres* são os *médiuns*, isto é, medianeiros.

Posto isto passemos a expôr resumidamente a *parte fenomenal* do espiritismo, ou sejam as *provas directas* da sua verdade.

III

Provas Directas do Espiritismo

Em Londres, quando a Sociedade Dialética resolveu proceder a um estudo atento do espiritismo, nomeou uma comissão de 33 membros a quem incumbiu dessa missão. Sir Russell Wallace era um desses comissionados mais distintos, e dos *mais descrentes*.

De entre êles havia só 4 que eram espíritas

convictos, 8 apenas acreditavam na realidade dos fenómenos, 6 eram completamente indiferentes e 15 completamente scépticos e materialistas.

Pois, terminadas as experiências, todos se tinham convertido à nova doutrina.

Eis como Russell Wallace narra em uma das suas obras a sua lenta conversão.

— « Eu era (diz êle) um materialista tão completo e convicto, que não podia haver no meu espirito lugar para uma existência espiritual e para qualquer outro agente universal, senão a matéria e a fôrça. Os factos, porém, são coisas bem teimosas.

A minha curiosidade foi a princípio despertada por alguns fenómenos ligeiros, mas inexplicáveis, que se produziam numa família das minhas relações, e o meu desejo de saber e o amor pela verdade forçaram-me a prosseguir nas investigações. Os factos tornaram-se cada vez mais certos e variados, e ao mesmo tempo cada vez mais afastados de tudo o que a sciência moderna ensina, e de todas as especulações da filosofia actual. Os factos venceram-me, forçando-me a admiti-los como tais, muito antes que eu pudesse admitir a explicação espiritual; — não havia ainda então, na minha fábrica de pensamentos, lugar para essa concepção: mas pouco e pouco, lentamente, foi-se-lhe abrindo lugar.

E abriu-se, não por meio de *opiniões pre-*

concebidas, ou teóricas, mas por uma contínua acção de factos sôbre factos, de que não podia desembaraçar-me por qualquer outra forma.

Assim se expressa um dos mais notáveis naturalistas de Inglaterra, que passou do materialismo ao espiritismo, *forçado pela evidência dos factos*.

*

* *

Desapontada na sua expectativa, e não querendo dar-se por vencida, a Sociedade Dialética recusou dar publicidade pela imprensa ao relatório da sua comissão. Esta, porém, sentindo-se ofendida na sua dignidade científica, com tão inaudito procedimento, também se não deu por vencida, e resolveu publicar sob sua responsabilidade individual o relatório dos seus estudos em que havia consumido 18 meses.

Ora nesse relatório atestavam-se como verdadeiros os seguintes factos:

1.º — Ruídos de natureza muito variável, provindo aparentemente dos móveis, do sobrado ou das paredes do quarto, acompanhados de vibrações, que muitas vezes são perceptíveis ao tacto, manifestam-se sem serem produzidas pela acção muscular ou por quaisquer meios mecânicos.

2.º—Corpos pesados movem-se sem auxílio de aparelhos mecânicos, e sem um desenvolvimento de fôrça muscular equivalente da parte das pessoas presentes, e mesmo muitas vezes sem contacto com pessoa alguma.

3.º—Êstes ruídos e movimentos produzem-se no momento desejado e da maneira pedida pelas pessoas presentes, e, mediante sinais previamente combinados respondem às perguntas que se fazem, escrevendo-se assim comunicações coerentes.

4.º—Essas respostas, se em regra são de um carácter trivial, muitas vezes aludem a factos que são desconhecidos de todas as pessoas presentes.

5.º—As circunstâncias em que os fenómenos se manifestam são mui variáveis, parecendo depender de determinadas pessoas, ao passo que a presença de outras parece contrariar os fenómenos.

Todavia esta indiferença não parece depender nem da crença, nem da descrença dessas pessoas na realidade dos fenómenos.

6.º—Corpos pesados, e em certos casos homens, se elevam acima do solo, conservando-se no ar algum tempo sem suporte visível ou tangível.

7.º—Aparições de mãos e formas que não pertencem a nenhum ser humano vivo; mas que parecem vivas pelo seu aspecto e mobilidade.

Por vezes estas mãos foram tocadas e agarradas pelos assistentes, convencendo-se de que não eram resultado duma impostura ou duma ilusão.

8.º—Execução de trechos musicais em diversos instrumentos, sem que nenhum agente visível os tocasse.

9.º—Execução de desenhos e pinturas produzidas em tempo tão curto e em condições tais que toda a intervenção humana era impossível. A esta lista de fenómenos espíritas verificados pela Comissão da Sociedade Dialética, devemos acrescentar mais os seguintes, que são atestados por diversos outros sábios e observadores meticolosos, tais como William Crookes, Russell Wallace, Goldenstubbé, Varley, Morgan, Zoelner, etc.

10.º—Alteração de pêso nos corpos e transporte de corpos pesados para fora de casas fechadas (*apports*).

11.º—Livramento de *médiuns* que se achavam ligados com cordas, ou presos com anéis de ferro soldados.

12.º—Imunidade contra a acção do fogo, e transmissão dessa imunidade.

13.º—Escrita automática, inconsciente, variando o tipo da letra, por forma a imitar extraordinariamente a letra do individuo a quem é atribuída. Esta escrita pode ser na língua nativa do *médium*, ou em línguas que êste desconheça.

14.º — Escrita directa espirita, obtida sem emprêgo da mão do *médium*.

15.º — Além dos fenómenos enumerados no n.º 7, há também a registrar aparições luminosas, faíscas, estrêlas, globos luminosos, materializações completas (corpos inteiros) ou fosforescentes, ou opacos, visíveis, tangíveis e audíveis.

16.º — Fotografias e moldagens espiritas.

17.º — Claro-vidência e claro-audição de certos *médiuns*. Há *médiuns* que teem a faculdade de ver os espíritos e de ouvir o que êles lhes dizem, e apesar dos circunstantes os não poderem ver nem ouvir, a descrição que fazem dos que vêem e a narração do que ouvem, pode em muitos casos servir para atestar a identidade do personagem visto e ouvido.

18.º — A linguagem e ideias expendidas por *médiuns* num estado de inconsciência mais ou menos completa (*transe*), são por vezes tão transcendententes e remontadas que destoam profundamente da falta de cultura intelectual do *médium*.

19.º — Personalidade *múltipla* do *médium*. Durante o *transe* o *médium*, muda de voz, de modos e muitas vezes de fisionomia, chegando a dar uma ideia muito aproximada da pessoa que fala pela bôca do *médium*. Por vezes falam línguas que nunca aprenderam.

20.º — Faculdade de curar. Há *médiuns* cuja especialidade consiste em curar várias doenças

pela simples imposição das mãos ou pela aplicação de certos remédios, curando assim muitas doenças e aliviando o sofrimento noutras.

Tal é em resumo a súpula dos fenómenos espíritas de que vamos ocupar-nos.

*

* *

I. Ruídos Vários (não provocados)

E' este o fenómeno mais vulgar e mais variado.

Umaz vezes manifesta-se sob a forma de pancadas mais ou menos fortes, percutidas nos móveis, paredes, tectos, sobrados, etc. — outras vezes são toques de campainha, pertinazes, violentos, incomodativos.

Entre milhares de exemplos citaremos os seguintes:

— « O major Moor, membro da Sociedade Real de Londres, narra o seguinte, que se passou em sua própria casa em 1841.

— « Durante perto de dois meses se ouviram quasi diáriamente em sua casa violentos e repetidos toques de campainha eléctrica, sem que se pudesse descobrir a causa do fenómeno.

As campainhas, diz êle, tocavam vintenas de vezes por dia, quando não havia ninguém no corredor, na casa ou no jardim.

Nem eu, nem os criados poderíamos realizar esta maravilha, que eu vi com mais de dez testemunhas.

E conclui: Estou inteiramente convencido de que o fenómeno não era produzido *por nenhum agente humano vivo*.

Em uma outra casa, perto de Chesterfield, durante 18 meses se ouviram longos e repetidos toques de campainha, sem se lhe conhecer a causa. Chegaram-se a cortar os fios, mas as campainhas soavam da mesma forma.

O dono da casa, Mr. Ashivell, seu amigo Felkins, e várias outras pessoas nunca puderam descobrir a causa do fenómeno, que muitas vezes se repetia de dia.

O célebre John Wesley, na narração que faz dos sucessos no curato de Epworth, depois de descrever os ruídos extranhos semelhantes aos que produziriam objectos de ferro e vidro lançados ao chão, acrescenta:

— « Pouco depois o nosso grande cão de guarda correu a refugiar-se entre mim e M.^{me} Wesley: enquanto duravam os ruídos, gania, pulava, abocando o ar, de um e outro lado, e isto a miúdo, antes que ninguém desse fé de qualquer cousa.

Passados dois ou três dias, o cão não só sofria com a repetição do fenómeno, mas presentia-o, pondo-se a tremer, e afastando-se, ras-tejando muito, antes que o ruído se manifestasse.

A família conhecia assim antecipadamente a aproximação dos fenómenos ».

Esta influência singular sôbre os cães é uma prova frisante da objectividade dos fenómenos e de que êles teem uma sensibilidade extraordinária com respeito aos fenómenos espiritas.

Êstes ruídos *parecem* produzidos sem auxílio de *médium*; mas, estudados atentamente os fenómenos, reconhece-se a maior parte das vezes que existe na família uma pessoa (filha ou criada) que *inconscientemente* desempenha as funções de médium.

Também se podem ouvir êstes ruídos e pancadas nas sessões espiritas, (nas de *tiptologia*), em que muitas vezes se pede ao espirito que se manifesta que produza certas pancadas ou no tampo da mesa ou nas paredes, etc.

*

* *

II Movimento de corpos pesados sem contacto

Quando o médium de que se dispõe é energico e de grande fôrça psíquica, então os fenómenos complicam-se, porque vários corpos pesados se movem sem que ninguém lhes toque, obedecendo muitas vezes não só a uma ordem verbal, mas até à vontade, *mentalmente formulada*, de qualquer dos circunstantes.

Vejamos o que diz a tal respeito um distinto físico electricista, Mr. Cromwel Varley, engenheiro em chefe das companhias de telegrafia internacional e transatlântica.

Na impossibilidade de transcrever na íntegra uma carta que êste notável homem de sciência escreveu ao professor Tyndall em 1868, citaremos apenas alguns trechos, e resumiremos outros.

As experiências que vamos relatar foram feitas pessoalmente por Mr. Varley, auxiliado por sua espôsa, tendo por *médium* Mr. Home, um dos mais poderosos de que há notícia.

Mr. Varley apresentou-se um dia em casa de Mr. Home, dizendo-lhe quem era, e manifestando-lhe o vivo desejo de presenciar alguns dos fenômenos físicos que se produziam com a sua intervenção.

O distinto *médium* prestou-se da melhor vontade à experiência, autorizando Mr. Varley a examinar atentamente todos os móveis sem considerações de etiqueta ou quaisquer outras.

Na sala havia apenas um sofá e doze cadeiras, não havendo cousa alguma onde se pudessem esconder quaisquer aparelhos ou máquinas.

— Eu tinha-me entendido previamente com minha mulher, (diz êle) para que esta observasse atentamente tudo quanto pudesse parecer suspeito, vigiando sollicitamente os móveis e as pessoas presentes.

Mr. Home, eu, minha mulher e mais cinco outras pessoas sentamo-nos em tórno de uma mesa redonda, grande e pesada.

Vinte minutos depois ouvimos um certo número de ruídos ou pancadas batidas na mesa, sôbre a qual se apoiavam as mãos de todos os circunstantes. Os pés estavam todos recolhidos debaixo das cadeiras, conforme o *médium* tinha recomendado. A sala estava iluminada com quatro bicos de gás.

Uma senhora manifestou em voz alta o desejo de que eu fosse tocado. Então, mediante o

alfabeto prestabelecido, soube-se que o espírito que ia manifestar-se receava aproximar-se de mim. Pouco depois êsse receio cessou, e soube-se que eu ia ser tocado.

E com efeito o meu casaco foi puxado ou sacudido por três vezes consecutivas com intervalo de meio segundo. Ocorreu-me então *a ideia* de que a prova seria mais concludente se os puxões fossem de baixo para cima.

No mesmo momento, em que *essa ideia* me atravessava o espírito, a aba direita do meu casaco foi levantada três vezes até quási à altura do meu rosto.

Então *desejei mentalmente* que a gola do meu casaco fôsse remexida do lado esquerdo.

Mal o desejo estava formulado, era a gola sacudida por três vezes do lado esquerdo.

Pouco depois fomos avisados de que o meu joelho ia ser tocado.

Desejei *mentalmente* que fôsse o joelho direito e por três vezes.

No mesmo instante resenti três pressões bem sensíveis.

Formulando vários outros *desejos mentais*, Mr. Varley foi repetidas vezes tocado, nos hombros, joelhos, cabeça, etc., sem que nunca pudesse ver cousa alguma.

A mesa foi balanceada por várias vezes, e

por fim levantamo-nos apoiando ao de leve sôbre a mesa apenas as palmas das mãos.

Então, esta, depois de alguns balanços para um e outro lado, levantou-se repentinamente do chão a uma altura de 14 ou 15 polegadas acima do sobrado, fez alguns movimentos laterais para a direita e esquerda, e pousou novamente no sobrado.

Mr. Varley examinou, durante o fenómeno, a mesa por baixo e por cima; mas nada viu de extraordinário. As mãos de todos apoiavam-se sôbre a mesa, não podendo por isso contribuir para a levantar do chão, antes pelo contrário, deviam mais ou menos impedir êsse levantamento.

Desejei depois que a mesa realizasse os movimentos em harmonia com a minha vontade.

Três ou quatro minutos depois a mēsa levantou-se de novo, dirigindo-se para diversos lados, consoante o meu desejo.

Por vezes um tremor geral atraía a atenção de todos.

Muitos dos circunstantes, que estavam sentados em cadeiras, sentiram-se súbitamente revirados com as suas cadeiras em uma direcção diversa.

Quando pouco depois tentamos praticar o mesmo reviramento por nosso próprio esforço, reconhecemos que era indispensável fazer um

grande esforço com as mãos para realizar um tal movimento.

Quando pouco depois da meia noite Varley voltou a casa com sua mulher, verificou que as observações desta coincidiam com as suas.

Enquanto procediam a êste confronto Varley e sua espôsa ouviram pancadas batidas nas paredes do seu próprio quarto, que distava umas cinco milhas da casa do *médium*.

No dia imediato à tarde Varley recebia de Mr. Home uma carta em que êste lhe dizia que na noite anterior devia ter ouvido pancadas na sua própria casa.

Dias depois Mr. Home foi dar uma segunda sessão de espiritismo em casa de Mr. Varley, onde nunca havia entrado.

Os fenómenos aí produzidos foram em parte semelhantes aos primeiros, em parte diversos.

Pela noite adiante, diz Varley, Home pareceu tornar-se muito nervoso. Pediu-me que lhe segurasse as mãos, e depois exclamou: — oh! olhai para trás de vós!... Colocou em seguida as suas duas pernas sôbre o meu joelho esquerdo, e, a pedido seu, segurei-lhas entre as minhas, ao mesmo tempo que segurava as suas mãos. Feito isto, olhei para trás.

A sete pés de distância, por detrás de Mr. Home, havia uma pequena mesa encostada a uma janela, e da qual éramos nós dois os mais aproximados.

Instantes depois, essa mesa começou a mexer-se. Ela tinha roldanas nos pés, e foi impelida até junto de mim por uma fôrça invisível, pois que ninguêm estava junto dela, e eu segurava fortemente os pés e mãos do *médium*.

Um grande camapé, onde podiam sentar-se oito pessoas, foi invisivelmente impellido através de toda a sala, forçando-nos assim a recuar até ao piano.

Não havia em tudo isto ilusão ou embuste possível....

.....

Depois de uma carta destas publicada pela imprensa e dirigida a um sábio como Tyndall, na opinião sizuda de *certos sábios* europeus, que exgotaram até às fezes o cális da sciência, Mr. Varley deveria pedir logo um passaporte para Bedlam, que é o Rilhafoles de Inglaterra.

Esta, porêm, que é singular em tudo, *nomeou-o membro da Sociedade Real de Londres* (Academia das Sciências): e, para cúmulo, foi Tyndall o mais ardente promotor da sua eleição!....

Que desapontamento para os positivistas!...

*

* *

Fenómenos análogos a êstes foram presenciados repetidas vezes pelo eminente físico e astrónomo Willian Crookes, o inventor do radiómetro e o descobridor do *talium* e da matéria radiante. Êsse homem de renome europeu, que é uma das mais fulgentes glórias da sciência contemporânea, no seu interessante livro — *Recherches sur les Phenomènes du Spiritualisme*, atesta-nos a páginas 151 e seguintes, que em sua própria casa e na presença de *médiuns* diversos ouviu produzirem-se os sons e pancadas mais variadas nos móveis, nas paredes, no sobrado, nos tetos, nas árvores, nos vidros, no ar, etc. Sentiu-os por vezes nos seus próprios hombros, nas mãos e noutros sítios, e em tais condições que não pôde fugir à convicção de que êsses sons eram bem reais, e não podiam ser produzidos por fraude ou por qualquer meio mecânico.

Viu em sua própria casa corpos pesados, tais como mesas, cadeiras, etc. serem postas em movimento sem contacto de ninguém.

Viu a sua própria cadeira, estando êle sentado, com os pés levantados do chão, deslocar-se e descrever um arco de círculo.

Em cinco ocasiões diversas viu uma pesada mesa de jantar levantar-se acima do solo algumas polegadas, e isto em condições que tornavam impossível qualquer fraude.

*

* *

Tackeray, êsse analisador cáustico e frio, respondendo um dia à crítica que lhe faziam por ter permitido a publicação de um artigo espírita no jornal.—*Cornhill Magazine*, disse:—«Para vós, que provavelmente nunca vistes manifestação alguma espírita, fica-vos bem falar dessa maneira; mas se houvésseis visto aquilo, que eu posso testemunhar, teríeis por certo diversa opinião».

E entrando em algumas explicações acrescentou que—ao terminar um jantar de cerimónia viu a grande e pesada mesa de jantar, coberta de garrafas, copos e sobremesas, elevar-se dum salto dois pés acima do sobrado, verificando assim que o *modus operandi*, era uma fôrça espírita: pois que nenhuma prestidigitação tinha sido, nem podia ter sido, empregada em tal ocasião, e êle sentiu-se tão profundamente convencido de que a potência motriz estava acima das leis vulgares da matéria, que imediatamente deu

a sua adesão às verdades do espiritualismo, e era em resultado dessa convicção que aceitara o artigo sôbre a sessão espírita de Mr. Home.

*

* *

Mr. T. Adolphe Trollope, distinto homem de letras, numa carta dirigida ao Atheneum e datada de Florença em 21 de Março de 1863, diz o seguinte :

— «Assisti a bastantes sessões de Mr. Home em Inglaterra, e a algumas outras na minha própria casa em Florença e a algumas ainda em casa de um amigo, na mesma cidade . . . Ora eis o meu depoimento.

— «Vi e verifiquei factos materiais completamente inexplicáveis, a meu ver, por nenhuma das leis físicas conhecidas e geralmente recebidas.

Regeito sem hesitar a teoria que considera tais fenómenos como obtidos por meios familiares aos mais hábeis professores de prestidigitação».

Afirmações análogas foram feitas com respeito a Mr. Home, pelo professor Challis, dr. Eliotson, Lord Lindurst, arcebispo Whately, William Horwitt, etc.

*

* *

III. Variação de pêso de corpos

Com os fenómenos que acabamos de narrar, ligam-se intimamente os da variação no pêso dos corpos e os de *levitação*, ou ascensão de corpos vivos.

Miss Kate Fox, a fundadora do espiritismo na América, foi um *médium* distinctissimo e de primeira fôrça, que durante 26 anos exerceu pública e particularmente as funções de *médium*; saindo sempre triunfante das constantes experiências a que rigorosamente foi submetida durante êsse período de tempo.

Em 1860 o dr. Robert Chambers, de combinação com o seu amigo Roberto Dale Owen, sem prevenirem a *médium*, empregaram uma balança romana para experimentar o *poder levitante*. Suspenderam à balança uma mesa de jantar do pêso de 60 quilos. Depois, em plena luz do gás, postos os pés de *miss* Fox e de sua irmã em contacto com os dos dois experimentadores, e colocadas as mãos de todos por cima da mesa,

mas sem a tocar, verificou-se que a mesa se tornava mais leve ou mais pesada conforme o desejo dos assistentes, variando o pêso entre 30 e 67 quilogramas! . . .

Fizeram muitas outras experiências com *miss* Kate, e as precauções não podiam ser maiores. (Vid. *Region Discutée*, par Robert Dale Owen, pág. 293).

Êstes fenómenos foram atentamente estudados por numerosos sábios, tais como — o conde Agenor de Gasparin, Mr. Thury, Boutlerow, lente de química na Universidade de S. Petersbourg, e mais especialmente o sábio inglês William Crookes.

Como já anteriormente descrevemos o aparelho com que êste sábio realizou as suas experiências, abstenho-nos de o descrever agora aqui. É a essa fôrça que faz variar consideravelmente o pêso dos corpos que Crookes chamou *fôrça psíquica* e Mr. Thury *fôrça ecténica*.

O nome pouca importa, o que interessa é conhecer-lhe os efeitos e investigar-lhe a natureza.

*

* *

IV. Levitação ou ascensão de corpos vivos

Dá-se o nome de *levitação* à elevação total de um corpo humano vivo, por forma que durante um tempo mais ou menos curto êle não tenha contacto algum com o solo, nem com os objectos circunjacentes.

Êste facto extraordinário a que a história antiga, profana e sagrada, faz muitas vezes alusão, chamando-lhe milagre, está modernamente demonstrado por uma forma que desafia toda a crítica.

Com efeito a história regista casos numerosos de corpos humanos se elevarem nos ares, mantendo-se suspensos durante algum tempo.

A história eclesiástica diz-nos que muitas vezes foram vistos, e por muitas pessoas, elevarem-se nos ares S. Francisco de Assis e Santa Tereza de Jesus, S. Francisco de Paula e muitas dezenas de outros. Atribui-se a mesma faculdade ao samaritano Simão, cognominado o Mágico, que se diz ter lutado em Roma com S. Pedro e S.

Paulo, no tempo de Nero, elevando-se na atmosfera por várias vezes; mas acrescenta-se que na última ascensão fôra mal sucedido, quebrando as pernas, em consequência das orações dos apóstolos.

É inútil dizer que êstes fenómenos extraordinários fôram durante os séculos XVIII e XIX relegados para o domínio das fábulas piedosas. A filosofia que então predominava, não podendo aceitar a ideia de *milagre* nem de obra diabólica, preferia *negar* os factos mais comprovados, já que, aceitando-os, não sabia como explicá-los.

O espiritismo também não admite *milagres*, mas *não nega por sistema* factos mais ou menos maravilhosos ou extraordinários, desde que êles sejam atestados por pessoas de todo o crédito.

E por isso hoje, que temos outros elementos de certeza que não tinham os nossos avós, já não alcunhamos de *mentirosos* os historiógrafos que nos narram casos dêsses: se não os garantimos como *verdades* incontestáveis, temo-los na conta de muito *possíveis* e *prováveis*, pois que moderadamente há muitos factos idênticos de que não podemos duvidar; crescendo que por isso mesmo que tais factos eram *aparentemente* incríveis, não é natural que os que se dizem testemunhas oculares ousassem tentar convencer-nos de uma cousa *incrível*, se êles a não houvessem presenciado.

Modernamente registam-se numerosos casos desta ordem autenticados por testemunhas da maior respeitabilidade. Estas ascensões teem-se realizado umas numa obscuridade relativa, outras em plena luz.

Só em Londres há mais de 50 pessoas de todo o crédito que assistiram às múltiplas levitações do célebre *médium* Daniel Home de quem já temos falado.

A páginas 156 e seguintes do seu livro já citado, diz-nos William Crookes o seguinte:

— «Êstes factos produziram-se quatro vezes na minha presença e na obscuridade. As condições em que se realizaram foram completamente satisfatórias; mas a demonstração pelos olhos de um facto dêstes é tão necessária para destruir as nossas ideias preconcebidas — «sôbre o que é naturalmente possível ou o não é,» que só mencionarei aqui os casos em que as deduções da razão fôram confirmadas pelo sentido da vista.

Numa ocasião vi uma cadeira, sôbre que uma senhora estava sentada, elevar-se muitas polegadas acima do chão. Noutra ocasião, para afastar toda a suspeita, essa senhora ajoelhou sôbre a cadeira de maneira que os quatro pés dela eram visíveis para todos nós.

Ela então elevou-se a cêrca de três polegadas e conservou-se suspensa uns dez segundos, descendo em seguida lentamente.

Doutra vez duas crianças, em duas ocasiões diferentes, levantaram-se acima do solo com suas cadeiras em plena luz, e nas condições mais satisfatórias para mim, porque eu estava de joelhos e não perdia de vista os pés da cadeira, na qual aliás ninguém podia tocar.

Os casos de ascensão mais notáveis de que fui testemunha deram-se com M. Home.

Em três ocasiões diversas vi que êle se elevava *completamente* acima do pavimento do quarto.

Da primeira vez estava êle sentado numa *chaise-longue*, da segunda estava ajoelhado sôbre a mesma e da terceira estava em pé.

De todas as vezes tive toda a latitude precisa para observar o fenómeno, no momento em que se produzia.

Há pelo menos cem casos bem constatados de ascensões de Daniel Home, produzidas perante muitas pessoas diferentes, e ouvi mesmo da própria bôca de três testemunhas — o conde Dunraven, lord Lindsay e o capitão C. Wynne, a narração dos factos dêste género mais tocantes acompanhadas das suas maiores minuciosidades.

Regeitar a evidência destas manifestações, equivale a regeitar todo o testemunho humano, qualquer que êle seja, porque não há facto na história sagrada ou profana que se apoie em provas mais imponentes.

*

* *

O dr. Cyriax, de Berlin, conta, numa brochura que publicou com o título — *Como eu me tornei espiritualista*, uma aventura que lhe succedeu na América em 1853, em casa do pintor Lanning, de Baltimore.

Achavam-se então reünidos, no grande atelier dêsse pintor, umas cem pessoas pouco mais ou menos, afim de assistirem a umas experiências espiritas feitas com o *médium* M.^{me} French.

Tinha a *médium* caído em transe, quando súbitamente foi levantada do estrado sôbre que se achava e levada para o fundo da sala, por onde deu uma volta completa, pairando sempre a uma altura do sobrado de dois pés aproximadamente.

A vista dêste fenómeno, constatado pelos meus olhos e pelos de uma centena de damas e cavalheiros, causou-me um calefrio. Eu via ante mim, na plenitude dos meus sentidos, uma pessoa que, sem mexer um membro, pairava por cima do sobrado com os olhos fechados e os braços cruzados, e era transportada por entre duas filas de bancos contendo cada uma umas cinquenta pessoas, e voltando de novo ao fundo da

sala até ao estrado, proferindo simultâneamente um discurso, como se nada de extraordinário se houvera passado.

E eu via todas as outras pessoas constatarem o mesmo fenómeno, deixando-as atordoadas como a mim.

Os meus sentidos não me haviam pois enganado, era bem verdade aquilo que eu tinha visto.

Que fôrça é essa que tinha sido posta em jôgo?

Uma fôrça natural cega seria capaz de realizar tão pasmosos efeitos, sem chocar com qualquer obstáculo? Como tal hipótese estava em opposição com a experiência, fui obrigado, após um sério exame, a chegar à conclusão de que, nestas circunstâncias, parecendo suprimidas as leis da gravidade, ou pelo menos encontrando uma resistênciã, era indispensável admitir a intervenção duma vontade inteligente, e que, pois que essa vontade dava provas de intelligência, ela não podia emanar senão duma personalidade, dum indivíduo.

Querer explicar o facto por uma manifestação *inconsciente* dum cérebro, não era cousa admissível nestas circunstâncias.

Tal impressão me produziu êste fenómeno, que não dormi toda a noite: achava-me constantemente em frente do que tinha visto, e em vão tentava explicá-lo pelas leis naturais conhecidas.

*

* *

Em 12 de Abril de 1871 William Crookes escrevia a Home nestes termos:

—«Não hesiteis em citar-me como um dos vossos mais firmes aderentes. Uma meia dúzia de sessões no género da de ontem à noite, com alguns homens da sciência bem qualificados, bastariam para fazer admitir scientificamente essas verdades, *que se tornariam então tão incontestáveis como os factos da electricidade.*

*

* *

Em 16 de Dezembro de 1868, em Londres, numa sessão obscura, na presença de lord Adare, o capitão Winne e lord Lindsay, passaram-se os seguintes factos que são relatados à *Sociedade Dialética* por lord Lindsay, um dos presentes:

Home, que estava em *transe* havia já algum tempo, depois de ter passeado pelo quarto dirigiu-se à sala vizinha.

Neste momento uma comunicação veio assustar-me:

Eu ouvi uma voz murmurar ao meu ouvido: — Êle vai sair por uma janela e entrar pela outra.

Aturdido só de pensar numa experiência tão perigosa, eu disse aos meus amigos o que ouvira, e foi com grande ansiedade que aguardamos a sua volta. Ouvimos então levantar-se a janela do outro quarto, e quasi immediatamente nós vimos Home flutuar no ar pela banda de fora da nossa janela.

A lua batia em cheio no quarto, e como eu tinha as costas viradas para a luz, o apoio da janela fazia sombra na parede em frente de mim, e eu vi os pés de Home, que vieram projectar-se por cima, a uma distância de cêrca de seis polegadas.

Depois de ter ficado nesta posição durante alguns segundos, êle levantou a janela, introduziu-se no quarto com os pés para a frente e veio sentar-se.

Lord Adare passou então ao outro quarto, e notando que a janela por onde êle saíra estava aberta sómente até à altura de 18 polegadas, manifestou a sua surpresa por Home ter podido passar por tão pequena abertura.

O médium, sempre em *transe*, respondeu: — «Eu vos mostro isso». E virando as costas para

a janela, inclinou-se para trás e foi projectado para fora com a cabeça na frente, o corpo rígido e assim voltou ao seu lugar.

A janela está a 70 polegadas acima do solo e as duas janelas distam uma da outra sete pés e seis polegadas.

*

* *

Como acabamos de ver, a *levitação* nem sempre se faz no sentido vertical: muitas vezes ela opera descrevendo um movimento de translação, como succedeu nos dois casos últimamente descritos.

Podíamos citar dezenas de factos similares, mas opõe-se a isso o plano que traçámos a esta obra.

*

* *

Êstes fenómenos de *levitação* e os de *variação de pêso* dos corpos são por certo dos *mais incríveis* que o espiritismo apresenta, e todavia são de uma verdade irrefutável.

Mas, se parecem *incríveis*, é unicamente porque se admite *erróneamente* que êles importam uma *violação das leis da gravidade* e uma alteração na densidade dos corpos.

Mais tarde, depois de termos dado um esboço ligeiro das diversas teorias com que se tem tentado explicar êstes fenómenos, apresentaremos a nossa teoria, graças à qual o fenómeno perde todo o seu *aparente maravilhoso*, e cabe perfeitamente dentro das leis naturais.

Os ocultistas atribuem a levitação e a variação de pêso à *preponderância do corpo astral*, que, emancipando-se do corpo carnal, arrasta após si o corpo físico. Neste ponto os ocultistas estão de acôrdo com os místicos, que sustentam doutrina análoga.

Os católicos por seu turno, atribuem êstes fenómenos à acção directa de entidades inteligentes invisíveis (anjos ou demónios).

Os orientais e com êles o dr. Fugairon atribuem a levitação à acção de fortes correntes electricas que se desenvolvem no corpo do *médium*.

Outros sustentam que os corpos muito eletrizados ou intensamente magnetizados se tornam mais leves. Mas esquecem que essa diferença de pêso é *mínima*, pois se traduz apenas em algumas grammas, ao passo que nos casos de levitação teria de equivaler por vezes a muitas dezenas de quilos.

Depois há um outro *contra* a esta teoria, e é que a fôrça eléctrica ou magnética não é uma fôrça inteligente, ao passo que a fôrça levitante dá provas de ser inteligente.

Todas estas teorias são, a nosso ver, deficientíssimas; pois não logram dar-nos uma explicação *cabal e satisfatória*. Por isso pensamos em apresentar outra que melhor satisfaça. Te-lo-emos conseguido? Os nossos leitores o dirão.

*

* *

Um corpo pesado *pode variar de pêso*, sem se alterar a constituição da sua massa, nem se alterar a sua densidade. Basta para o conseguir aplicar ao corpo pesado uma outra fôrça, que, ou actua no mesmo sentido da gravidade (e em tal caso o corpo aumenta de pêso), ou actua em sentido contrário (e nesse caso o corpo diminue de pêso). Se a fôrça aplicada fôr igual à da gravidade, o corpo flutuará indifferente na atmosfera. Pode demonstrar-se praticamente essa teoria por meio de um pesa-cartas e dum íman.

Coloque-se no prato do pesa-cartas um pedaço de ferro qualquer, e veja-se qual o pêso que acusa. Se por cima do pedaço de ferro colo-

colocarmos o íman, e o formos aproximando até que o ferro fique dentro da sua esfera de atracção, ver-se-há que o bocado de ferro *pesará tanto menos* quanto *mais próximo* estiver o íman.

Se collocarmos êste por baixo do prato do pesa-cartas, verificar-se-há que o ferro *aumentou de pêso*. E todavia a densidade do ferro *não mudou*, porque a sua massa *não se alterou*.

As leis que regulam a gravidade não se alteraram, nem se destruíram; simplesmente à fôrça da gravidade opôs-se uma outra fôrça *que a ajudou* num caso e a *contrariou* ou *compensou* no outro.

E' o que se dá com a levitação do corpo humano. Ao pêso do corpo humano resultante da gravidade opôs-se uma outra fôrça aproximadamente igual que permitiu ao corpo o flutuar ou elevar-se na atmosfera.

Mas que fôrça é essa que assim neutraliza a gravidade?

A nosso ver essa fôrça é a *fôrça psíquica*—ou a do *médium*, ou a de um *espírito desincarnado* que opera por intermédio do *médium*. No primeiro caso o fenómeno seria puramente *anímico*, no segundo o fenómeno seria puramente *espírita*.

Nós, atendendo a que a levitação só se dá no estado de *transe* ou de *êxtasi*, em que o *médium* não está no pleno gôzo das suas facul-

dades, antes está dominado pela fôrça psíquica de outrem, inclinamo-nos antes para a hipótese de ser *um espírito alheio* a causa determinante da levitação.

Desta sorte fica êste *milagre antigo* ou *maravilha diabólica* reduzida à sua expressão mais simples — um mero problema de *equilíbrio de fôrças concorrentes*, que em nada destrói as leis fundamentais da gravidade, antes as corrobora.

*

* *

V — Execução de trechos musicais

A experiência mostra que a aptidão *mediúmnica* é variável de natureza e de intensidade de indivíduo para indivíduo. Alguns são mesmo especialistas; isto é, só teem aptidão para realizar determinados fenómenos. Tal é o caso que vamos narrar.

O dr. Frederick Willis, lente de patologia na Escola Médica de Nova York, a pág. 209 do *Spiritual Magazine* de 1867 descreve desta forma uma das suas experiências feitas com um *médium* músico.

— « Uma noite o *médium* foi para um quarto

escuro e sentou-se ao piano. Eu estava na sala imediata cuja luz entrava no quarto escuro pela porta que ficara aberta e que deixava visíveis todos os objectos que ali existiam.

Apenas o *médium* feriu no piano a primeira nota, logo um tamboril e campainhas pareceram brotar do sobrado e começaram a tocar uníssonos. Sem fazer ruído introduzi-me no quarto e durante alguns segundos pude assistir a um espectáculo raro e maravilhoso. Pude assim ver o tamboril e as campainhas em movimento: estas eram levantadas do chão e sacudidas por mão invisível e ressoava cada uma por sua vez artística e harmónicamente com as notas do piano. O tamboril era manejado com destreza e perícia, e todavia não havia mão alguma junto dêle.

Mas súbitamente, virando a cabeça, o *médium* notou a minha presença. Imediatamente todo o efeito cessou. Enquanto a minha presença no quarto só foi conhecida dos seres invisíveis, as manifestações continuaram; mas, logo que o *médium* a conheceu, tudo acabou. Uma ligeira emoção de receio tinha affectado a sua alma sensível de mulher, e foi isso o bastante para sustar todos os fenómenos.

Isto deu-me a entender que em geral é o estado do *médium* que torna difícil aos espíritos o manifestarem-se em plena luz, e não uma falta de poder ou de vontade da parte dêles».

*

* *

No seu livro — *Nouvelles Experiences sur la Force Psychique*, William Crookes narra minuciosamente as experiências que fez com Daniel Home, e com um harmónium que o *médium* segurava pelo lado oposto às chaves ou teclas, estando a outra mão do *médium* constantemente apoiada sôbre a mesa. Assim, seguro com três dedos apenas e encerrado numa gaiola de arame colocada debaixo da mesa, o harmónium executava árias completas, como se mão invisível manuseasse às teclas.

Outras vezes o harmónium agitava-se solto dentro da gaiola sem que mão alguma lhe tocasse, e apesar disso desempenhava peças musicais.

Aludindo a estas e outras experiências semelhantes, diz Crookes a páginas 158:

— «Atribuir êstes resultados à fraude é absurdo; porque devo mais uma vez lembrar que tudo quanto refiro aqui não se passou na casa de qualquer *médium*, mas na minha própria, onde seria impossível preparar de antemão qualquer cousa.

.....

—«Um médium não podia trazer consigo um aparelho para agitar as cortinas das janelas, para levantar as persianas até 8 pés de altura; não podia fazer um nó num lenço, e pô-lo num canto afastado do quarto, não podia fazer ressoar notas sobre um piano, levantar de cima da mesa uma garrafa e um cális, fazer erguer-se verticalmente sobre uma das suas extremidades um colar de coral; fazer mover um leque e abanar com êle os circunstantes; ou pôr em movimento a pêndula de um relógio encerrado numa vitrine fixa à parede.»

Daniel Home que durante 21 anos de carreira *mediúmnica* se submeteu voluntariamente a milhares de experiências sem que jámais se conseguisse encontrá-lo em fraude, além de ser notabilissimo pelas suas levitações, gozava de outra faculdade que para muitos era a mais singular.

Referimo-nos à prova do fogo.

Quando se achava em *transe*, tomava na palma da mão um carvão incandescente e passeava com êle em tórno da sala sem se queimar, e sem que a epiderme sofresse qualquer alteração fisiológica.

Êste facto, presencado por quatro ou cinco cavalheiros da maior respeitabilidade, não é ainda assim o que mais surpreende. O que toca quasi as raias do impossível é o facto de êle poder

transmitir temporariamente a outros indivíduos essa imunidade. Foi assim que lord Lindsay, miss Douglas e Mr. Hall, graças à sua intervenção, fizeram com a sua assistência a mesma experiência sem se queimarem.

*

* *

VI — Claro-vidência — Claro-audição

A claro-vidência e claro-audição são também faculdades de que gozam certos *médiuns*, em grau muito elevado.

Vêm muitas vezes os espíritos que os rodeiam, indicando-os pelos seus nomes, se por ventura os conhecem.

Acontece, porém, que muitas vezes vêm espíritos desconhecidos, que não podem dizer quem sejam; mas sucede por vezes descreverem-nos com tal minuciosidade, que alguns dos circunstantes, apesar de não os verem, os reconhecem como amigos ou parentes seus.

Outros lêem cartas lacradas e escrevem a resposta na mesma língua, embora essa língua lhes seja desconhecida.

O *médium* mais célebre nesta especialidade é Mansfield, o patriarca dos *médiuns* americanos.

Depois de tocar ao de leve as cartas lacradas que de toda a parte lhe eram enviadas, a sua mão tomava a pena, e, posta inconscientemente em movimento pelos espíritos, que o guiavam, traçava a resposta.

Um dia dois scépticos de Nova York, pretendendo desmascará-lo, foram ter com um chinês das suas relações e pediram-lhe que lhe escrevesse *em chinês* uma carta dirigida a seu pai, que havia falecido anos antes; mas sem enderêço, para não se saber a quem era dirigida.

O chinês satisfez o pedido, e depois de muito bem envolvida, fechada e lacrada, os dois americanos dirigiram-se a casa de Mansfield, pedindo-lhe uma sessão que lhes foi logo concedida.

Puseram a carta fechada sôbre a mesa e esperaram a resposta.

Mansfield tocou no envólucro, e tomando da pena pôs-se a rabiscar o quer que fôsse numas fôlhas de papel, e quando acabou, entregou a resposta e a carta fechada como a recebera.

Os americanos, entregando a carta e resposta ao chinês seu amigo, caíram das nuvens quando viram que a resposta estava escrita em *chinês* e que era assinada por seu pai, respondendo ao conteúdo da carta, e dava-lhe notícia

de um facto que êle desconhecia, o qual era o falecimento na China de uma prima dos americanos, ocorrido posteriormente à partida dêles daquela nação.

Foi tão concludente esta experiência que os dois scépticos converteram-se ao espiritismo e publicaram esta experiência.

*

* * *

Mediumnidade Escrevente ou Psicografia

Uma das formas mais brilhantes e úteis porque os Espíritos se nos manifestam, revelando-nos a sua existência e o seu poder, as suas aptidões e o seu carácter, é indubitavelmente por meio da escrita.

É certo que as comunicações por meio de pancadas, batidas pelos pés das mesas, são as mais fáceis de obter e as mais vulgares, mas teem um grande defeito — são muito morosas.

Por isso pensou-se, e com razão, que se um espírito pode por meio do *médium*, exercer sôbre êle uma acção bastante enérgica para a fazer bater com os pés da mesa um determinado nú-

mero de pancadas, mais facilmente poderia exercer no braço e mão do *médium* a acção precisa para o fazer escrever *mecânicamente* qualquer cousa.

E com efeito a experiência demonstra que há numerosíssimos *médiuns* desta natureza.

A *mediumnidade escrevente* ou *psicografia* pode ser de duas espécies:

- 1.º *Escrita automática*;
- 2.º *Escrita directa* ou *pneumatografia*.

A primeira é vulgaríssima, a segunda só os grandes *médiuns* a podem obter.

* * *

*

VII. Escrita automática

O *médium* escrevente toma um lápis e uma fôlha de papel, senta-se, concentra-se e aguarda os acontecimentos. Passado algum tempo, o braço direito entorpece-se, torna-se hirto, cataléptico; um tremor convulso o agita. É o espírito que toma posse do braço do *médium* e o faz escrever.

Mas a escrita, convulsivamente feita, limita-se a princípio a traços mais ou menos tremi-

dos onde a custo se distingue uma ou outra letra. E' não desanimar. E' assim que se começa. Passados alguns dias de exercícios improfícuos, começam a aparecer palavras completas, e em breve o *médium* pode escrever comunicações completas.

Os médiuns desta classe dividem-se em *mecânicos* ou *inconscientes*, e *intuitivos* ou *conscientes*. Os *médiuns mecânicos* não sabem o que escrevem, só terminada a correspondência é que pela leitura teem conhecimento do que escreveram.

Os *médiuns intuitivos* teem conhecimento do que vão escrevendo, porque o espírito que se comunica actua-lhes mais no cérebro do que no braço.

Dêstes *médiuns* os melhores são os *mecânicos* ou *inconscientes*. Nada os perturba ou incomoda. O médium desta natureza pode estar conversando ou discutindo com os circunstantes, enquanto a mão vai traçando *inconscientemente* a comunicação.

Se o médium é intuitivo, pode dar lugar a duvidar-se, se a comunicação é propriamente d'ele ou se é do espírito a quem é atribuída. Todavia, se o teor da comunicação fôr muito além do que é lícito supor da capacidade intelectual do *médium*, pode ter-se a certeza de que a comunicação não é obra d'este.

Assim, por exemplo, sendo o *médium* uma pessoa sem ilustração e que mal conhece a sua própria língua, se o vímos responder com o máximo acêrto e agudeza de espírito a questões de sciência ou de filosofia, que embaraçariam por certo os competentes na matéria; se vímos o *médium* escrever em várias línguas estrangeiras, que êle desconhece por completo, como se há de explicar o fenómeno, sem se admitir a intervenção de um *ser extranho*, que inspire o *médium*? Nêste género há bastantes *médiuns*, e como exemplo vamos apontar um:

O Juíz Edmonds era um magistrado distinto entre os membros do Supremo Tribunal de Nova York, e um scéptico e materialista convicto.

Despeitado com o malôgro das primeiras investigações, e com as conversões operadas entre os próprios investigadores e membros de comissões, o Juíz Edmonds, no intuito de fazer luz e desmascarar o embuste, impos-se voluntariamente a tarefa de estudar atentamente os fenómenos espíritas. Porêm, cousa singular! depois de um estudo pertinaz de 27 meses e de ter assistido a mais de 200 sessões com diversos *médiuns*, sem lograr descobrir o *presumido embuste*, o Juíz Edmonds proclamou-se espírita!...

A sua pública profissão de fé, atenta a sua alta posição social, produziu um verdadeiro escândalo.

Moveram-se contra êle despeitos, intrigas e perseguições, a ponto que conseguiram destituí-lo do alto cargo que occupava.

Ele, porêm, sorria-se desdenhoso dêsses espiritos mesquinhos, que julgaram abalar assim as suas crenças, ou vingar-se do seu nobre procedimento.

Mais tarde êle mesmo reconheceu que era *médium*, e sua filha, Laura Edmonds, tornou-se um dos mais notáveis *médiuns* dos Estados Unidos, na especialidade poliglota.

Laura Edmonds, que apenas conhecia a sua língua nativa, o inglês, e alguma cousa de francês, respondia às consultas que lhe eram feitas na própria língua do consulente, quer esta fôsse espanhola ou portuguesa, francesa ou italiana, alemã ou húngara, latina ou grega, e até em hindustâni ou nos dialectos dos indígenas da América.

E deve notar-se que as conversações que assim sustentava duravam por vezes mais de uma hora, sem que as pessoas conhecedoras dêsses idiomas lhe pudessem notar vícios de pronúncia ou erros de linguagem.

E' claro que tentar explicar factos dêstes, sem admitir a intervenção dos Espíritos, é *mais inverosímil* do que admitir essa intervenção; e é por isso que homens notabilíssimos não duvi-

daram reconhecer públicamente que é esta a única explicação satisfatória.

Foi assim que o dr. Georges Sexton, depois de 15 anos de investigações, foi forçado a reconhecer que as comunicações, que recebia, eram de facto de amigos e parentes seus, falecidos em diversas épocas.

Por seu turno Camilo Flammarion, depois de 10 anos de investigações, num relatório que enviou à Sociedade Dialéctica de Londres, depois de declarar que admite a *realidade objectiva* dos fenómenos, acrescenta que a hipótese da intervenção dos Espíritos, única que pode explicar certos fenómenos, foi adoptada por bastantes sábios franceses, tais como o dr. Hoeffle, autor da *História da Química*, e da Enciclopédia Geral, e Mr. Herman Goldsmith, o célebre astrónomo a quem se deve a descoberta de 14 planetas.

*

* *

Depois de termos dito o indispensável sobre a escrita automática, executada mediante a mão do *médium*, é justo que nos ocupemos dum dos fenómenos mais assombrosos do espiritismo, e que demonstra pela forma mais cabal a existên-

cia dos Espíritos e o seu poder sôbre a matéria: — referimo-nos à *escrita directa* ou *pneumatografia*.

Dá-se êste nome à escrita que é obtida *directamente* sem a intervenção da mão do *médium*.

Não se julgue, porêem, que queremos dizer com isto que se prescindê do *médium* para casos dêstes. Pelo contrário: a sua presença é indispensável; e mesmo só *médiuns* duma certa fôrça logram obter correspondências desta natureza.

O que simplesmente queremos dizer é que nêste caso a mão do *médium* para nada serve, a não ser, nalguns casos, para segurar a superfície sôbre que se escreve.

Conquanto já anteriormente fôsse conhecida na América, a escrita directa foi introduzida na Europa pelo barão de Goldenstubbé, que em Paris fez estudos interessantíssimos sôbre êste fenómeno, e escreveu um livro importante: — *La Réalité des Esprits et de leurs manifestations*. Como apêndice a esta obra notável e de grande erudição, encontram-se no fim do volume 15 grandes estampas, contendo 93 fac-símiles da escrita de diversos espíritos, em línguas diferentes, variando o tipo da letra em harmonia com a letra que êle tinha durante a sua vida terrena.

A posição social do barão, a consideração de que gozava na sociedade mais ilustrada, a sua

independência de carácter e as testemunhas presenciais dos fenómenos a que alude, removem toda a suspeita de fraude a seu respeito.

Êste género de comunicações obtêm-se, como em geral as demais manifestações espíritas, mediante a concentração de espírito e a evocação.

Conquanto, em regra, seja indiferente o local e as circunstâncias acessórias, o barão de Goldenstubbé preferia fazer essas evocações nas igrejas, nos cemitérios, junto ao túmulo dos grandes homens, e nos museus, junto às estátuas dos heróis e vultos históricos. Junto ao pedestal da estátua depositava um papel branco, devidamente rubricado pelas testemunhas presenciais, e um lápis, e encerrava tudo num pequeno cofre fechado.

Pouco tempo depois de feita a invocação, abria-se o cofre, e o papel, que lá fôra encerrado em branco, achava-se agora coberto de palavras, e assinado quási sempre pelo espírito invocado. Em alguns dêsses escritos a letra é em tudo igual à que usavam quando viviam na terra.

Modernamente tem-se feito essas experiências empregando duas ardósias novas e iguais. Limpam-se estas perfeitamente, coloca-se sôbre uma delas um pequeníssimo lápis de ardósia, coloca-se a outra por cima, ligam-se perfeitamente uma à outra, lacra-se o atado, colocam-se sôbre a mesa e o *médium* põe-lhe a mão em

cima e espera-se um bocado. Quando o *médium* julga que a correspondência deve estar feita, desatam-se as ardósias e verifica-se o conteúdo.

Terminaremos êste assunto resumindo algumas das experiências feitas em Leipzig em 1877 pelo sábio astrónomo Zoelner, com o *médium* Slade, em casa do astrónomo e na presença de várias notabilidades da sciência alemã.

—«Na noite seguinte, 16 de Novembro de 1877, diz Zoelner, coloquei uma mesa de jôgo com quatro cadeiras num quarto onde Slade nunca tinha entrado. Depois que Fechner, o professor Braune, Slade e eu collocámos as nossas mãos entrelaçadas sôbre a mesa, sentiram-se pancadas batidas nêste móvel; eu tinha comprado uma ardósia, que tínhamos marcado, um fragmento de lápis foi depositado sôbre a ardósia, que Slade colocou à borda da mesa; súbitamente a minha faca foi projectada à altura de um pé, caindo em seguida sôbre a mesa...

Repetindo-se a experiência com duas ardósias, bem limpas e sobre-postas, tendo interiormente um fragmento de lápis, foram as ardósias seguras por Slade, apoiando-as sôbre a cabeça do professor Braune.

Ouviu-se uma ligeira raspadura, e quando as ardósias se abriram, acharam-se sôbre elas muitas linhas de escrita.

Duma outra sessão a que assistiram mais os

professores W. Weber, C. Ludwig, Thiersch e Wundt, diz Zoelner o seguinte:

—No domingo 18 de Novembro estávamos reunidos, eram três horas da tarde. Eu tinha comprado *nova* mesa de jôgo, feita de madeira de nogueira.

As ardósias tinham sido compradas por mim e pelos meus amigos e por todos marcadas.

Entre uma dupla ardósia que Slade segurava na mão, por cima da mesa, bem à vista de todos, três aforismos se acharam escritos, um em inglês, outro em francês, e outro em alemão, e cada um dêles escrito com letra diferente».

*

* *

VIII—Manifestações várias

Ao passo que vamos subindo na escala ascendente dos fenómenos espíritas, vai *pari-passu* subindo igualmente a nossa maravilha, porque o assombro recresce a ponto que, sentir-nos híamos tentados a *qualificar de falsos* êsses fenómenos, se não fôra a probidade e autoridade científica daqueles que no-los atestam, pois fôra mister

supor que êsses meticolosas observadores — ou *tentaram iludir-nos, ou se deixaram iludir.*

Que outros façam tão caluniosa afirmação; — nós não.

No seu curioso livro *Choses de l'autre monde*, Eugène Nus, um espírita convicto, mas a quem falta a coragem para afirmar francamente que o é, com receio de incorrer no ridículo, diz-nos, a pág. 250, o seguinte:

— «Eu vi, nessas sessões obscuras mãos luminosas agarrarem, de sôbre a mesa, caixas de música, passeá-las através do quarto, e elevá-las até ao teto.

Uma noite, num quarto de dormir, levaram-nas para debaixo da cama. O mesmo succedeu com uma campainha, que dedos fosforescentes agitavam no ar, afastando-se, apróximando-se, volteando até às extremidades do quarto, introduzindo-se debaixo da cama e mesmo sob o *edredon*, que a cobria, onde a campainha, sempre agitada, só se ouvia em surdina; depois do que a campainha, a pedido meu, foi depositada na minha mão, estendida por debaixo da mesa para a receber.

Senti, também na obscuridade, o ruído que faz um lápis escrevendo sôbre fôlhas de papel que nós colocávamos sôbre a mesa.

Acesa a luz, achavam-se frases perfeitamente traçadas e desenhos perfeitíssimos.

Lembro-me, entre outros, dum pequenino ramo de flores de traços tão finos e complicados, que era mister olhá-lo muito de perto e quási à lente, para lhe distinguir as minudências. Pois apesar disso, foi executado em menos de três minutos».

Quando as aparições são luminosas, é condição indispensável, para se tornarem visíveis, o realizarem-se na obscuridade.

Deixamos agora falar o eminente físico, William Crookes:

—«É inútil recordar que nestas experiências eu tomei todas as precauções convenientes para evitar que me iludissem por meio do óleo fosforado, ou por outros meios.

Além de que devo acrescentar que muitas dessas luzes eram duma natureza tal, que nunca pude conseguir imitá-las por meios artificiais.

Nas condições de fiscalização mais rigorosa vi um corpo sólido luminoso do tamanho aproximado de um ovo de perúia flutuar sem ruído através do quarto, elevar-se por vezes até ao tecto e descer brandamente sobre o sobrado. Êste objecto foi visível durante mais de dez minutos, e antes de desaparecer bateu três vezes sobre a mesa com um ruído semelhante a um corpo sólido e duro».

A aparição de mãos luminosas na obscuridade é um fenómeno tão trivial que William

Crookes só alude a êle de passagem, como cousa de somenos importância.

Por isso passamos agora às aparições de mãos em plena luz, mãos com toda a aparência de vida, de uma perfeição e nitidez de forma tal, que não se distinguiriam das verdadeiras, se fizessem parte de um corpo qualquer.

Seja ainda Crookes quem fale.

—«Uma mãozinha de bellissima forma se levantou da mesa de jantar e deu-me uma flor.

Noutra ocasião uma mão e braço pequeninos, semelhantes aos de uma criança, apareceram brincando sôbre uma senhora que estava sentada junto de mim.

Doutra vez vi um dedo e um polegar arrancar as pétalas de uma flor que estava na botoeira de Mr. Home, e depositá-las diante de várias pessoas que estavam sentadas junto dêle. Mas nem sempre as mãos e dedos me pareceram sólidos e como vivos. Por vezes, devo dizê-lo, ofereciam antes a aparência de uma nuvem vaporosa condensada em parte em forma de mão.

Por várias vezes vi, primeiro mover-se um objecto, depois uma nuvem luminosa formar-se em tórno dêle e emfim a nuvem condensar-se, tomar uma forma, e transformar-se em mão de uma conformação perfeitíssima. Mas nem sempre essa mão parece uma simples forma, às vezes mostra-se animada e mui graciosa. Os dedos mo-

vem-se, e a carne parece tão humana como a das demais pessoas presentes. Mas no punho ou no braço torna-se vaporosa e difunde-se numa nuvem luminosa.

Ao tato estas mãos parecem às vezes frias como gelo e mortas, outras vezes parecem-me quentes e vivas, e apertam a minha com o apêto firme de um velho amigo.

Retive um dia uma destas mãos na minha; nenhum esforço houve da parte dela para me fazer largar a prêsá: mas pouco a pouco a mão pareceu resolver-se em vapor, sendo assim que se libertou da minha».

Estas observações de Crookes são importantíssimas, porque contem o *modus faciendi* das materializações. Quando a fôrça do *médium* não é suficiente para produzir uma materialização completa, produz-se apenas *uma parte* do corpo, uma mão, um pé, ou uma cabeça.

Mas em qualquer dos casos a materialização só é completa na parte principal, a aparição vai diminuindo de densidade para a extremidade, rarefazendo-se até se esvair de todo numa nuvem mais ou menos imperceptível.

Em uma sessão de materialização a que o autor teve a felicidade de assistir em Paris em Julho de 1900 vimos nós a uma distância de dois metros quando muito uma destas materializações parciais. Era uma mão e braço em todo o seu

comprimento, braço musculoso e forte de marinheiro.

A claridade de uma lâmpada vermelha que sôbre êle batia em cheio, deixava aperceber perfeitamente o jôgo dos músculos, porque o braço e mão eram *bem vivos*, praticando todos os movimentos que lhe poderia imprimir uma pessoa viva. Mas, próximo do ombro, a matéria de que era formado esfumava-se pouco e pouco até desaparecer por completo.

*

* *

A experiência demonstra que a aptidão *mediúmnica* não é a mesma em todos os *médiuns*.

Alguns acumulam diversas aptidões, outros são especialistas num determinado género.

Citaremos a propósito um *médium* notabilíssimo, M.^{me} Guppy, célebre na sua especialidade — a produção ou *apport* de flores naturais.

Uma das mais interessantes experiências realizadas com ela foi feita em Florença na presença de Mr. Adolph Trollope, da espôsa dêste, de Miss Blagdem e do coronel Harvey.

O quarto onde se realizou foi prévia e rigorosamente inspeccionado pelos homens. M.^{me}

Guppy foi despida e tornada a vestir por M.^{me} Trolloppe, e cada peça do seu vestuário cuidadosamente examinada. Sentaram-se todos em tórno de uma mesa, sendo M.^{me} Guppy muito bem segura.

A sessão era às escuras. Passados dez minutos todos exclamavam que cheirava a flores, e acendendo-se uma vela, verificou-se que os braços de M.^{me} Guppy e os de Mr. Trolloppe estavam cobertos de junquinhos, que enchiam o ambiente com o seu perfume.

Doutras vezes as flores não só eram da espécie que se pedia, mas apareciam até cobertas de um ténue orvalho. (Vide *Rapport de la Societé Dialectique sur le Spiritualisme*).

*

* *

Não são menos notáveis as experiências feitas em Leipzig pelo astrónomo Zoellner com o *médium* Slade, e com a assistência dos professores Weber, Scheiner, Ludwig e outros.

Citaremos algumas:

Em um vaso cheio de farinha achou-se o vestígio de uma mão, com todas as sinuosidades da epiderme distintamente visíveis.

Quási ao mesmo tempo Zoellner sentiu que uma mão grande e forte lhe apalpava o joelho. Essa mão, enfarinhada, estampara-lhe na calça todos os seus contornos. Examinadas as mãos do *médium*, que aliás tinham estado sempre apoiadas sôbre a mesa, não se lhes notou sinal algum de farinha, verificando-se ainda que as mãos dêste eram mais pequenas do que as estampadas na calça.

Com papel enegrecido à luz de um candieiro de petróleo, e pregado numa tábua, obteve-se uma manifestação mais durável, aparecendo sôbre êle nitidamente desenhado um pé descalço.

Então, a pedido dos professores, Slade levantou-se, tirou os sapatos, mostrou os pés, verificando-se assim não só não haver nêles vestígio algum de negro de fumo, mas a circunstância importante de terem quatro centímetros a menos do que o pé estampado no papel.

Repetiu-se esta experiênciã sôbre uma ardósia, fotografando-se em seguida o vestígio ali deixado, que, como Zoellner fez notar, era o de um pé que tinha usado botas apertadas, por isso que um dedo era coberto pelo outro por forma tal que não era visível.

Mais tarde Zoellner colocou, sôbre a superfície interior de uma dupla ardósia com dobradiças, duas fôlhas de papel preparadas com negro de fumo, e, dobrando-as em seguida, colocou-

-as sôbre os joelhos, afim de as ter sempre à vista.

Então, passados cinco minutos, em um quarto bem iluminado, estando todas as mãos sôbre a mesa, e sem que o *médium* lhe tocasse, Zoellner sentiu por duas vezes uma pressão sôbre as ardósias que tinha nos joelhos.

Abertas estas, achou-se em cada uma delas o vestígio de um pé (direito e esquerdo).

Comentando esta experiênciã, diz o ilustre sábio :

— « Depois de ter sido testemunha dêstes factos, os meus leitores podem crer que me é impossível considerar Slade como um impostor, ou um prestidigitador.

Outro fenómeno não menos surpreendente é o que foi várias vezes feito por Slade na presença do astrónomo e dos seus companheiros. E' o de dar nós em cordas ou correias depois das suas extremidades terem sido lacradas e seladas sôbre uma mesa.

*

* *

IX. — Fenómenos de Encorporação ou Mediumnidade Vocal.

Dá-se o nome de *encorporação* ao facto de *um espírito livre tomar posse efectiva do corpo do médium*, substituindo-se temporariamente ao seu espírito próprio.

Êste fenómeno, aliás muito vulgar, só se dá no estado de *transe*. Para êle se realizar tornam-se indispensáveis determinadas disposições especiais.

Para bem se compreenderem êstes fenómenos torna-se indispensável descrever minuciosamente uma sessão dêste género.

Num quarto espaçoso e fechado, na escuridão absoluta, ou, pelo menos, frouxamente iluminado por uma lanterna vermelha, reúnem-se 6 a 20 pessoas e o *médium*. Ao centro da sala senta-se, numa cadeira forte e de braços, o *médium*, que por cautela deve ter os braços bem ligados aos da cadeira, e em certos casos também os pés.

Em tórno do *médium*, formando círculo,

sentam-se os circunstantes, alternando-se, sempre que possível seja, os homens e as mulheres, e dão-se as mãos, formando cadeia; o director da sessão deve ficar o mais próximo possível do *médium*, para o observar, e prestar socorro, sendo preciso.

Nestas sessões *só o director deve usar da palavra*; os circunstantes devem guardar o mais rigoroso silêncio, *obedecer passivamente ao director e identificar-se completamente com êle*, por forma que em todo o círculo haja *uma só vontade*, e, por assim dizer, *um só pensamento*. Estabelece-se o mais absoluto silêncio. Todos os circunstantes se concentram, afugentando de si quaisquer outros pensamentos. O director da sessão, que deve ser o mais conhecedor do assunto, ou o que disponha de um poder psíquico maior, faz a meia voz uma invocação ao Criador, e aos bons espíritos, pedindo o seu auxílio, invocação com que todos os circunstantes se identificam.

Então aguarda-se em silêncio a aparição dos primeiros sintomas do transe, que se demoram um tempo variável, (de um quarto até três quartos de hora).

Se bem que os sintomas precursores do transe sejam variáveis de um para outro *médium*, todavia *geralmente* num transe bem caracterizado os fenómenos passam-se desta sorte.

O *médium* cai insensivelmente em sono letárgico; e começa depois uma crise acompanhada de gemidos, ais, e movimentos bruscos de aparência cataléptica.

O tórax agita-se com movimentos sacudidos, convulsivos. O pescoço aumenta de volume, o *médium* revela um sofrimento maior ou menor.

Êstes sintomas resultam da luta que se trava entre o espírito do *médium*, que não quer sair do corpo, e o *espírito adventício* que trata de apoderar-se dos órgãos, que lhe não pertencem. Em geral é êste quem vence; mas muitas vezes succede que o espírito intruso *não pode* ou *não sabe* servir-se de improviso dos órgãos que conquistou. Daquí resultam ruídos vários, gemidos, ais, gritos, berros, uivos e deglutições em sêco, ruídosas e muito repetidas.

Muitos não passam disto; e não conseguem falar, por forma a serem entendidos; mas a grande maioria, depois de uma certa trenagem, adapta-se por fim aos órgãos do *médium* e fala fácil e correntemente.

Então pode assistir-se a scenas do género mais variado. Umaz vezes são comunicações respeitantes à vida do falecido, ou dos seus parentes vivos, outras, quando o espírito que se manifesta é culto e tem um certo adiantamento moral, são discursos sôbre a vida de além-túmulo, exortações sôbre moral, sociologia, ou sôbre filo-

sofia e sciências diversas; e êsses assuntos são sempre tratados com uma elevação superior, que transcende quási sempre a capacidade do *médium*.

As sessões dêste género proporcionam-nos as mais agradáveis surpresas; são geralmente de um encanto indizível.

Geralmente, em cada sessão não se manifesta um só espírito, mas sim dois, três ou muitos mais. E cada um fala *com voz diferente*, muito aproximada àquela que tinha na Terra; cada um tem seu modo de falar especial e seus gestos próprios.

No seu grau mais elevado êste fenómeno é acompanhado da *transfiguração* completa do *médium*, isto é, o corpo, e sôbretudo a fisionomia do *médium*, transformam-se temporariamente por forma tal que o fazem assimilhar imenso ao falecido, incarnado no *médium*.

Em Paris tivemos nós ocasião de assistir a uma sessão dêste género, com o *médium* M.^{me} Lay Fonvielle, especialista nêste género.

Numa sessão realizada em plena luz do dia, vimos nós esta senhora, que devia ter então os seus cinquenta anos, transformar-se (fisionomia e voz) em uma bonita rapariga de dezoito anos, e pouco depois numa pessoa da minha família, homem velho e doente.

E a similhaça era tal, que a comoção que senti foi profundíssima e penosa em extremo.

Por isso estas sessões de incorporação são muitas vezes extremamente impressionantes.

*

* *

X.—Materializações Completas

Chama-se *materialização completa* à formação *temporária*, e mais ou menos *efémera*, de um ser vivo, num local onde êle não existia.

Desmaterialização é a desapareição súbita ou gradual dessa mesma forma viva.

Quando a *materialização* não é de corpos vivos, mas de produtos do reino vegetal ou mineral, tomam geralmente o nome de *aports*.

Tratemos agora sómente das materializações de seres vivos.

Êste fenómeno apresenta-se em graus de diversa intensidade.

No seu gráu mais fraco a materialização apparece apenas como um clarão na obscuridade, clarão que pouco e pouco se define e mostra como um busto ou figura inteira, mas de contornos vagos e imprecisos.

No seu gráu médio essa forma, a principio

vaga e imprecisa, aclara-se pouco e pouco, toma as côres naturais e apresenta as formas nítidas de uma pessoa conhecida; mas essa forma é de natureza instável, durando apenas poucos instantes.

No seu gráu mais elevado a forma criada pelo *médium* ou antes à custa dêle, não é já uma forma fantástica,—é um *corpo completo, vivo, cujos pulmões respiram, cujo coração bate, cujo sangue circula, cuja bôca fala e cujo pensamento funciona*. Tem simplesmente uma *vida efémera*, pois pode viver quando muito algumas horas.

Passado êsse tempo desaparece, tal qual como appareceu.

Estas formas materializadas teem sido fotografadas muitas vezes, e teem-se obtido em parafina moldagens perfeitíssimas das suas mãos e pés.

Estas formas humanas transitórias teem o pêso normal do corpo humano; e se se faz a pesagem do *médium* antes da sessão, verifica-se que êsse pêso é igual à soma dos pesos da forma materializada e do *médium* enquanto dura o fenómeno. Isto prova por uma forma incontroversa que a matéria de que é feita a *forma materializada* foi inconscientemente fornecida pelo *médium*.

Há uma estreita e íntima relação entre o *médium* e a *aparição*. Assim, muitas vezes a apa-